

UNIVERSIDADE ABERTA



**A INTERCULTURALIDADE E O USO DAS TIC NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR NA REGIÃO
AUTÓNOMA DA MADEIRA**

ANEXOS

Eva Sandrina Sousa Perregil

Doutoramento em Educação

Na área de especialização de Educação e Interculturalidade

2020

Índice

ANEXO I- Inquérito por questionário	3
ANEXO II- Três guiões das entrevistas	11
ANEXO III – Autorização da educadora de infância onde foi realizada a observação.....	21
ANEXO IV – Autorização dos encarregados de educação da sala das crianças onde foi realizada a observação	22
ANEXO V – Transcrição áudio da observação realizada.....	27
ANEXO VI – Transcrição da entrevista pré-observação realizada à educadora de infância	31
ANEXO VIII – Transcrição da entrevista pós-observação realizada ao professor de música	33
ANEXO IX – Consentimentos informados	37
ANEXO X – Autorizações dos diretores de escola onde foram realizadas as entrevistas	53
ANEXO XI – Transcrição das entrevistas	64

ANEXO I- Inquérito por questionário

Questionário

Caro(a) colega:

Sou educadora de infância e encontro-me a desenvolver um estudo sob o tema: *A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira*, no âmbito do Doutoramento em Educação, pela Universidade Aberta.

Peço a sua colaboração para o preenchimento deste questionário, que é imprescindível para alcançar os objetivos do estudo. Informo que este inquérito é anónimo.

Desde já, agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Eva Perregil

Dados Pessoais

A- Idade: _____ anos

B- Género: 1- Masculino____ 2- Feminino_____

C- Tempo de serviço: _____ (anos)

D- Situação profissional:

- a. Docente de Quadro de Escola _____
- b. Docente de Quadro de Zona Pedagógica _____
- c. Docente Contratado _____
- d. Outra: _____

E- Habilitações académicas:

- a. Bacharelato _____
- b. Licenciatura_____
- c. Pós-Graduação _____
- d. Mestrado _____
- e. Doutoramento _____
- f. Outras_____. Quais? _____

F- Cargos exercidos: _____

Questionário

Leia atentamente as afirmações que se seguem e assinale com uma cruz (X) a resposta que, face a cada uma delas, melhor traduz a sua posição.

	Discordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo Muito	Concordo Plenamente
1- Ter crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas na sala implica mais trabalho para o educador/a.					
2- Na minha sala, tenho um grupo de crianças homogéneo a nível cultural.					
3- Prefiro ter um grupo culturalmente homogéneo.					
4- A diversidade cria mais oportunidades educativas na sala.					
5- Existem mais vantagens em ter turmas homogéneas culturalmente.					
6- Sinto-me preparado/a para ter crianças de diferentes culturas na sala.					
7- Ter crianças de diferentes culturas na sala representa um desafio para o educador/a.					
8- Sinto-me à vontade com crianças de diferentes culturas na sala.					
9- Considero que a minha escola facilita a integração de crianças estrangeiras e de diferentes culturas.					
10- Ter crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas na sala provoca desconforto aos educadores.					
11- O projeto educativo da minha escola tem em conta as crianças estrangeiras e de diferentes culturas.					
12- A minha escola valoriza a cultura de origem das crianças, filhas de imigrantes.					

Nas seguintes questões, assinale a sua resposta com um X.

13- No decurso da sua formação como educadora alguma vez abordou a questão da Educação Intercultural?

Sim, na formação inicial ____

Sim, na formação contínua ____

Sim, na formação inicial e na formação contínua ____

Não, nunca abordei este tema ____

14- Se respondeu **SIM**, indique o tipo de formação de que se tratou e as suas vantagens.

15- Na sua perspetiva, acha que as crianças de diferentes culturas apresentam maiores dificuldades de integração na vida escolar?

Sim ____

Por vezes ____

Não ____

Não sei/Não tenho conhecimento ____

16- Se respondeu SIM ou POR VEZES, indique de modo sucinto os principais motivos dessas dificuldades?

Leia atentamente as afirmações que se seguem e assinale com uma cruz (X) a resposta que, face a cada uma delas, melhor traduz a sua posição.

	Discordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo Muito	Concordo Plenamente
17- Considero adequado promover atividades específicas dirigidas apenas às crianças estrangeiras/ de diferentes culturas.					
18- É importante aproveitar a diversidade das crianças para promover atividades na sala sobre o conhecimento do mundo, valorizando outras culturas, países e lugares.					
19- Sempre que possível, ponho em prática atividades/ estratégias/ procedimentos que visam o exercício da Educação Intercultural.					
20- Julgo que as crianças da minha sala aceitam (ou aceitariam) bem as crianças de países/culturas diferentes.					
21- Promovo atividades que visam a Educação Intercultural apenas quando tenho crianças de diferentes culturas/países na minha sala.					
22- Nas minhas práticas, promovo atividades iguais para todas as crianças, independentemente da sua cultura.					
23- A planificação deve ter em conta a diversidade das crianças da sala.					
24- É mais fácil trabalhar a interculturalidade tendo crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas na sala.					
25- Em geral, acho que as crianças do meu grupo reagem (ou reagiriam) mal à presença de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas.					
26- Interajo facilmente com crianças de diferentes culturas.					

Por favor, responda de forma clara à seguinte questão.

27- Caso costume implementar atividades de caráter intercultural na sua sala, descreva uma atividade que realize e que considere ser um exemplo de uma prática de educação intercultural.

Leia atentamente as afirmações que se seguem e assinale com uma cruz (X) a resposta que, face a cada uma delas, melhor traduz a sua posição.

	Discordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo Muito	Concordo Plenamente
28- Recorro às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no dia-a-dia com as minhas crianças.					
29- As TIC são essenciais para apoiar a aprendizagem.					
30- Recorro às TIC para desenvolver atividades que promovem a interculturalidade.					
31- As TIC são úteis para o meu grupo de crianças.					
32- Não sou adepta da utilização das TIC com crianças do pré-escolar.					
33- A utilização das TIC não se integra nas minhas práticas pedagógicas.					
34- Uso as TIC apenas pontualmente com as crianças da minha sala.					

35- Usar as TIC pode contribuir para levar as crianças a conhecerem e valorizarem a diversidade cultural.					
36- As TIC contribuem para a comunicação escola/família.					
37- Partilho os trabalhos das crianças da minha sala através das TIC com as famílias.					
38- As TIC promovem comportamentos de aceitação/ valorização da interculturalidade.					
39- Comunico com as famílias através das TIC sobre assuntos relacionados com marcação de reuniões, pedidos de colaboração, etc.					

Por favor, responda de forma clara à seguinte questão.

40- Desenvolve atividades utilizando as TIC com as crianças na sala, tendo por objetivo promover comportamentos de aceitação e valorização da interculturalidade? Se sim, indique um ou dois exemplos.

Por favor, responda à seguinte questão, assinalando com um X a sua resposta.

41- Alguma vez trabalhou com crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas?

Sim _____ Não _____

**(SE RESPONDEU NÃO, termina aqui o seu questionário. Obrigada pela sua colaboração).
Por favor, responda de forma clara à seguinte questão.**

42- Se respondeu sim, indique que tipo(o) de diversidade tem ou já teve na sua sala.

43- Se nota diferenças comportamentais entre as crianças, consoante a sua raça ou etnia, na sua sala, indique quais e de que forma influenciam o funcionamento das atividades.

Leia atentamente as afirmações que se seguem e assinale com uma cruz (X) a resposta que, face a cada uma delas, melhor traduz a sua posição.

	Discordo	Concordo pouco	Concordo	Concordo Muito	Concordo Plenamente
44- De acordo com a minha experiência, as crianças integram bem colegas de países e culturas diferentes nas suas brincadeiras.					
45- Em geral, as famílias das crianças estrangeiras ou de culturas minoritárias conversam pouco com os Professores, para saber dos seus educandos.					
46- As famílias das crianças estrangeiras e de diferentes culturas participam nas atividades da escola.					
47- Posso dizer que já contribuí para a adaptação das crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas e das suas famílias à escola.					

48- Por norma, é fácil comunicar com as famílias das crianças estrangeiras/ diferentes culturas.					
49- Há famílias de crianças estrangeiras que se recusam a tentar falar português com o pessoal da escola.					
50- As famílias das crianças estrangeiras só falam a sua língua materna com as crianças.					
51- As famílias das crianças estrangeiras esforçam-se por falar português com o/a filho/a.					
52- Em geral, as famílias das crianças estrangeiras incentivam o/a filho/a a falar português.					
53- De acordo com a minha experiência considero que existem diferenças comportamentais entre as crianças consoante a sua raça, etnia ou cultura.					
54- Por norma, as famílias das crianças estrangeiras/ diferentes culturas procuram que o/a filho/a tenha amigos portugueses.					
55- Em geral, as famílias das crianças estrangeiras esforçam-se por falar português.					
56- As famílias das crianças estrangeiras/ diferentes culturas procuram a escola quando têm algum problema ou dificuldade.					
57- Costumo promover atividades que visam acolher as crianças estrangeiras/ diferentes culturas e suas famílias.					

Comentários /observações que considere pertinentes:

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO II- Três guiões das entrevistas

Guião da entrevista a realizar no âmbito da tese de Doutoramento em Educação Especialidade Educação e Interculturalidade

Tema: *A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira*

Objetivos gerais:

- Verificar se os educadores de infância da Região Autónoma da Madeira fomentam a aceitação/valorização da interculturalidade entre as suas crianças;
- Analisar de que forma os educadores de infância da R.A.M. fomentam a interculturalidade entre as suas crianças;
- Aferir se os educadores de infância recorrem às Tecnologias da Informação e Comunicação para promover comportamentos de aceitação e valorização da interculturalidade;
- Verificar de que forma as TIC auxiliam ou não os educadores de infância na promoção de comportamentos de aceitação e valorização da interculturalidade;
- Verificar se as TIC promovem a ligação da escola às famílias.
- Verificar a relação existente entre os educadores de infância e as famílias estrangeiras e/ou de outras culturas.

Guião da entrevista a realizar aos EDUCADORES DE INFÂNCIA

Blocos	Objetivos específicos	Formulários de perguntas	Observações
Bloco A	- Apresentar-se e apresentar os objetivos da entrevista - Assinar consentimento informado	- Apresentação do entrevistado - Apresentação dos objetivos da entrevista - Esclarecimento de qualquer dúvida - Assinatura de consentimento informado	
Bloco B Legitimação da entrevista Caraterização do entrevistado	- Legitimar a entrevista - Caraterizar o entrevistado	- Apresentação do educador a- Género b- Idade c- Habilitações d- Anos de serviço e- Cargos exercidos f- Formação	- A entrevistador a deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, de

			<p>forma a legitimizar a entrevista</p> <ul style="list-style-type: none"> - Será uma entrevista de modelo semidirecto centrada no educador de infância entrevistado
<p>Bloco C Diversidade</p>	<p>-Problematizar o conceito de diversidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que entende por diversidade? - A sua turma apresenta características homogéneas ou heterogéneas? - Quais as vantagens de ter esse tipo de turma? - Quais as desvantagens de ter esse tipo de turma? 	<ul style="list-style-type: none"> - Os tópicos dos próximos blocos serão apenas pontos de partida para a elaboração das perguntas, havendo uma articulação entre os diferentes blocos de forma a evitar a sua fragmentação - Será promovida a livre expressão do entrevistado de forma a fomentar uma conversa natural - As reações verbais e não verbais serão registadas
<p>Bloco D A Interculturalidad e na prática</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Indagar de que forma é fomentada a interculturalidad e na escola e na sala - Aferir influência das crianças de outras culturas na sala 	<ul style="list-style-type: none"> - Considera a sua escola multicultural? - Considera o seu grupo de crianças multicultural? - Sente-se preparada para a ter crianças de outras culturas na sua sala? - Procura fomentar a interculturalidade na sua sala? - De que forma o faz? - Planifica tendo em conta as crianças estrangeiras e/ou de outras culturas? - Que material utiliza para pôr em prática uma Educação Intercultural? - Considera que põe em prática estratégias/atividades/procedimentos que visem o exercício da Educação Intercultural? - Se sim, indique algumas estratégias/atividades/procedimentos que implementa. - Se não aponte as razões para que tal não aconteça. - Quantas crianças de outras culturas 	

		<p>tem na sua sala?</p> <ul style="list-style-type: none"> - É fácil para si ter crianças de outras culturas na sala? - Que dificuldades sente num grupo com crianças de outras culturas? - O grupo no geral aceita ou não as crianças estrangeiras e/ou de outras culturas? - As crianças estrangeiras e/ou de outras culturas adaptaram-se bem à rotina da sala? Aos colegas? Aos adultos da sala? - Quais as maiores dificuldades que essas crianças sentem? 	
Bloco E Recurso às TIC	<ul style="list-style-type: none"> - Aferir de que modo utiliza as TIC para fomentar a interculturalidad e 	<ul style="list-style-type: none"> - Com que frequência utiliza as TIC com as suas crianças? - Qual a utilidade das TIC para o seu grupo? - Recorre às TIC para fomentar a interculturalidade? - Se sim, de que forma? - Se não, porque não? 	
Bloco F Relação com a família de outras culturas	<ul style="list-style-type: none"> - Verificar se as TIC promovem a ligação da escola às famílias - Verificar a relação existente entre os educadores de infância e as famílias estrangeiras e/ou de outras culturas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recorre às TIC para partilhar os trabalhos das crianças com as famílias? - As famílias das crianças estrangeiras e/ou de outras culturas participam nas atividades da escola? - Quando têm algum problema recorrem facilmente aos adultos da sala /escola? - Promoveu alguma atividade para facilitar a adaptação das crianças estrangeiras e/ou de outras culturas e de suas famílias? - Sente facilidade ou dificuldade em comunicar com a família das crianças de outras culturas que tem na sala? - Esforçam-se por comunicar/aprender o português? - Falam com os filhos em português? - Incentivam os filhos a comunicar em 	

		português? - Incentivam os filhos a ter amigos portugueses?	
Bloco G Agradecimentos	- Agradecer - Reiterar a garantia de confidencialidade	- Agradecimentos - Confirmação de confidencialidade	

Guião da entrevista a realizar aos ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO
(estrangeiras e/ou de outras culturas)

Blocos	Objetivos específicos	Formulários de perguntas	Observações
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista</p> <p>Caraterização do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Caraterizar o entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do encarregado de educação <ul style="list-style-type: none"> a- Nome b- Idade c- Parentesco 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevistadora deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, de forma a legitimar a entrevista - Será uma entrevista de modelo semidirecto centrada no entrevistado
<p>Bloco B</p> <p>Diversidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Problematizar o conceito de diversidade - Aferir influência das crianças de outras culturas na sala 	<ul style="list-style-type: none"> - Acha que na sala do seu educando tem diversidade cultural? - O seu educando relaciona-se bem com as crianças da sala? - O seu educando tem amigos estrangeiros e/ou de outras culturas? E outros? - Acha bem ter crianças de diversas culturas numa mesma sala? - Sabe quantas crianças estrangeiras e/ou de outras culturas tem na sala do seu educando? - É fácil para o seu educando interagir com as crianças? - Que dificuldades sente o seu educando no dia-a-dia na escola? - Como se adaptou o seu educando? 	<ul style="list-style-type: none"> - Os tópicos dos próximos blocos serão apenas pontos de partida para a elaboração das perguntas, havendo uma articulação entre os diferentes blocos de forma a evitar a sua fragmentação - Será promovida a livre expressão do entrevistado de forma a fomentar uma conversa natural - As reações

<p>Bloco D Fomento da Interculturalidade</p>	<p>- Indagar de que forma é fomentada a interculturalidade com o educando e na escola</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Considera a escola do seu educando multicultural? - Acha que a escola do seu educando fomenta a interculturalidade? - De que forma o faz? - A escola facilitou a integração do seu educando? - Acha que o/a educador/a do seu educando fomenta a interculturalidade? De que forma o faz? - Como se relaciona o/a educador/a com o seu educando? - Como se relaciona o seu educando com o/a educador/a? E com o resto do pessoal da escola? 	<p>verbais e não verbais serão registadas.</p>
<p>Bloco E Recurso às TIC</p>	<p>- Aferir de que modo utiliza as TIC para fomentar a interculturalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O/a educador/a recorre às TIC na sala? - Acompanha o seu educando na utilização das TIC? - Recorre às TIC para ajudá-lo na sua integração? - Com é que as TIC poderiam ajudar mais a integração do seu educando? - E a si, e à sua família? 	
<p>Bloco F Relação com a família de outras culturas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Verificar se as TIC promovem a ligação da escola às famílias - Verificar a relação existente entre os educadores de infância e as famílias estrangeiras e/ou de outras culturas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Contacta com a escola por email? - Costuma aceder à página da escola? - Tem conhecimento dos trabalhos do seu educando através das TIC? - A/o educador/a recorre às TIC para comunicar recados, autorizações, etc.? - Participa nas atividades da escola? - Sente facilidade ou dificuldade em comunicar 	

		<p>com os adultos da sala? E com a direção da escola? E o resto do pessoal da escola?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se é estrangeiro, esforça-se por comunicar/aprender o português? - Fala com o seu educando em português? Incentiva o seu educando a comunicar em português? Procura manter sempre presente no seu educando as tradições/língua e origem? - Comunica com o seu educando em mais do que uma língua? - Procura comunicar sempre com o seu educando em português? - Se não, aponte as razões para que tal não aconteça. - Acha que deveria ter apoio ao nível da língua portuguesa? - Procura a escola quando tem algum problema? 	
<p>Bloco G Agradecimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer - Reiterar a garantia de confidencialidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Agradecimentos - Confirmação de confidencialidade 	

Guião da entrevista a realizar aos responsáveis pelos projetos (eTwinning, Rede UNESCO)

Blocos	Objetivos específicos	Formulários de perguntas	Observações
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista</p> <p>Caraterização do entrevistado</p>	<p>- Legitimar a entrevista</p> <p>- Caraterizar o entrevistado</p>	<p>1- Apresentação do entrevistado</p> <p>a- Género</p> <p>b- Idade</p> <p>c- Habilitações</p> <p>d- Anos de serviço</p> <p>e- Cargos exercidos</p> <p>f- Formação</p>	<p>- A entrevistadora deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, de forma a legitimar a entrevista</p> <p>- Será uma entrevista de modelo semidirecto centrada no entrevistado</p>
<p>Bloco B</p> <p>Opinião acerca da Diversidade</p> <p>Posição da escola em relação à diversidade</p>	<p>- Recolher dados acerca da diversidade existente na escola e apurar a opinião do entrevistado em relação à mesma</p>	<p>- Qual a sua opinião acerca da diversidade?</p> <p>- Acha que a sua escola fomenta a interculturalidade?</p> <p>- A sua escola incentiva a integração de crianças e famílias estrangeiras e/ou de diferentes culturas?</p> <p>- O que levou a escola a participar do projeto?</p> <p>- Quais os requisitos para participar?</p> <p>- Desde quando participam neste projeto?</p>	<p>- Os tópicos dos próximos blocos serão apenas pontos de partida para a elaboração das perguntas, havendo uma articulação entre os diferentes blocos de forma a evitar a sua fragmentação</p> <p>- Será promovida a</p>
<p>Bloco C</p>	<p>- Verificar se os projetos interculturais ajudam os</p>	<p>- Acha que o projeto ajuda os educadores a valorizarem a</p>	<p>- Será promovida a</p>

<p>Como fomentar a aceitação/valorização da interculturalidade na escola através do projeto</p>	<p>educadores de infância a fomentar a aceitação/valorização da interculturalidade entre as crianças da escola e de que modo o fazem</p>	<p>interculturalidade? - Ajuda-os a realizarem atividades de promoção da interculturalidade? - De que forma? - O projeto promove atitudes de aceitação do outro pelas crianças no pré-escolar? - O projeto ajuda a integração das crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas?</p>	<p>livre expressão do entrevistado de forma a fomentar uma conversa natural - As reações verbais e não verbais serão registadas</p>
<p>Bloco D Recurso às TIC e promoção de comportamentos de aceitação e valorização da interculturalidade</p>	<p>- Verificar se os educadores de infância recorrem às Tecnologias da Informação e Comunicação designadamente para promover comportamentos de aceitação e valorização da interculturalidade e de que forma o fazem</p>	<p>- Recorre às Tecnologias de Informação e Comunicação na implementação do projeto com as crianças? - Quais as atividades em que recorre às TIC no projeto? - Os educadores têm facilidade em utilizarem as TIC no projeto? - Quais as maiores dificuldades sentidas? - Que outros docentes estão envolvidos no projeto?</p>	
<p>Bloco E Ligação escola-família através das TIC Relação educador-famílias (estrangeiras e/ou de diferentes culturas)</p>	<p>- Verificar se as TIC promovem a ligação da escola às famílias - Verificar se o projeto ajuda a relação entre o educador e as famílias das crianças, quer sejam estrangeiras ou de diferentes culturas</p>	<p>- O projeto ajuda a promover a ligação família-escola? - De que forma? - As TIC podem ajudar as crianças e as suas famílias a se integrarem na nova realidade (meio, escola)? - De que forma? - O projeto ajuda a</p>	

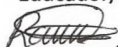
		<p>promover a ligação educador-família?</p> <p>- O projeto ajuda a promover a ligação educador-família de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas?</p> <p>- De que forma o faz?</p>	
<p>Bloco F Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer</p> <p>- Reiterar a garantia de confidencialidade</p>	<p>Agradecimentos e confirmação de confidencialidade</p>	

ANEXO III – Autorização da educadora de infância onde foi realizada a observação

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na minha sala de atividades de pré-escolar no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Educador/a de infância



ANEXO IV – Autorização dos encarregados de educação da sala das crianças onde foi realizada a observação

AUTORIZAÇÃO

Rubén

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Vanessa Paulo

AUTORIZAÇÃO

Carolina

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Margarita

AUTORIZAÇÃO

Sebastião

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Sebastião 14.06.2018

AUTORIZAÇÃO

Bernardo

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Eduarda Moreira

15/ Junho / 2018.

AUTORIZAÇÃO

Guilherme A.

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutorado em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Carolina Silva

AUTORIZAÇÃO

Leonardo

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutorado em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Luísa Vanessa Gonçalves

AUTORIZAÇÃO

Salvador

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutorado em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

[Signature]

AUTORIZAÇÃO

Franco

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutorado em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Helena Souza

Bamila

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Carla Patrícia Martins De Freitas

Santiago

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Fátima

Valentina

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Maria Sereia Rodrigues

Guilherme T.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Rosa Teixeira

AUTORIZAÇÃO

Marysilda

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

AUTORIZAÇÃO

Jasón

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

AUTORIZAÇÃO

Matias

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

AUTORIZAÇÃO

David

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Ana Clara Ferreira Jacó

AUTORIZAÇÃO

Leandro

Autorizo que a educadora de infância Eva Sandrina Sousa Perregil realize uma observação na sala de pré-escolar do meu educando no âmbito de uma investigação de Doutoramento em Educação e Interculturalidade. Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e apenas serão utilizados de uma forma genérica e para fins investigativos.

Encarregado de Educação

Hania Rosário Paula Teixeira

ANEXO V – Transcrição áudio da observação realizada

Transcrição da Atividade de Enriquecimento de Música

(Há alguma agitação quando entram na sala para sentar no tapete. Cumprimentam-se e o professor pergunta pelas novidades e o que querem dizer. Alguns falam do fim de semana e o menino que veio há pouco tempo da Venezuela conta algo que o professor responde em espanhol e traduz para os outros colegas).

Prof.: Bom, lá em cima estão duas salas com meninos a fazer um exame, não se pode fazer muito barulho [...].

Menino 1: O que é um exame?

Prof.: É uma prova para ver quem sabe mais.

Menino 2: Eu quero a canção do cavalinho.

Prof.: O cavalinho tem que ir devagarinho [...].

Menino 3: O papá tem que arranjar a bicicleta.

Prof.: Não me digas.... Tu gostas de andar de bicicleta... e andas muito?

Menino 3: Sim... (a abanar a cabeça afirmativamente)

Prof.: Então, vamos começar pelo “Cavalinho”, “El caballito”.

Menino 2: Rápido!

Prof.: No, despacito, porque si no se va a caer. Bueno...

Como é que se faz o cavalinho?

Todos: Clã, clã [...], toc, toc [...]

Todos:

Era uma vez um cavalo

Que vivia num lindo carrocel,

Tinha as orelhas dobradas

E as patinhas eram feitas em papel.

Refrão

A correr, tra, lá, lá, lá

A saltar tra, lá, lá

Cavalinho nunca sai do seu lugar Tra, lá, lá (Bis)

Prof.: Olha, porque é que só cantam estes meninos da frente? Estão cansadinhos aí atrás?

“Manuel” no cantas? No te escuché! Nada, nada, nada. Não ouvi também as meninas. Então, como fazem os patinhos?

Todos: Quá, quá, quaá!

Prof.: Ok, as meninas fazem o patinho e os meninos o que fazem?

Menino 4: O sapo, pum, pum, pum!

Meninos: Pum, pum, pum!

Meninas: Quá, quá, quá!

Todos:

Todos os patinhos
Sabem bem nadar, sabem bem nadar,
Cabeça para baixo, rabinho para o ar, (bis)

Meninos: Pum, pum, pum!

Meninas: Quá, quá, quá!

É que a esta hora, é hora de ir dormir, é hora de ir dormir,
Mas ainda há tempo para uma história ouvir, (bis)

Meninos: Pum, pum, pum!

Meninas: Quá, quá, quá!

Pais, mãe ou avós à cama lhes vão dar, à cama lhes vão dar,
Um beijo de boa noite e a luz apagar, (bis)

Meninos: Pum, pum, pum!

Meninas: Quá, quá, quá!

Prof.: Como é que faz a nossa amiga galinha?

Todos: Cócócórocó...

Prof.: O “João” vai fazer de galinha aqui à frente...assim. Faz de galinha, sempre a dar as asas e fazer cócócórocó. Usted también, venga a hacer de gallina papa, da-te la vuelta [...] eso [...] Bueno. Yo canto, usted baila. Mientras toco, bailas [...].
(O professor pega na turuta e todos gritam de alegria)

Todos:

Conheci uma galinha
Amarela e vermelhinha
Tão bonita,
Punha ovos sem parar.
Punha ovos na cozinha,
Punha ovos na varanda
Mas nunca os punha no curral.
Certo dia, essa galinha
De tão triste, resolveu emigrar.
Eu fiquei sem a galinha, eu fiquei sem a galinha,
E sem ovos para o jantar.

Refrão

A galinha Papanatas
Já pôs um ovo, já pôs 2, já pôs 3.
A galinha Patanatas
Já pôs 4, já pôs 5 e já pôs 6.
A galinha Papanatas já pôs 7, já pôs 8 e já pôs 9.
Onde é que está a galinha
Deixa lá a pobrezinha, deixa-a que ponha 10.

E onde é que está a galinha
Deixa lá a pobrezinha, deixa-a que ponha 10.
(O Professor toca a turuta)

Prof.: Várias galinhas em fila para cantarmos.
(Cantam de novo)

Prof.: Agora vou escolher uma menina para fazer o próximo animal...

A Vaca Lola

A vaca Lola, a vaca Lola
Tem cabeça e vai à escola
Tem cabeça e vai à escola
E faz muuuu [...].

Prof.: Agora, vamos ver quem faz de pombinha [...].

Educadora: Quem vai [...] fazer, não sei [...]
(Uma menina levanta-se e vai à frente)

Prof.: Agora [...]

Todos:

Lá vai uma, lá vão duas
Três pombinhas a voar, uma é minha,
Outra é tua, outra de quem apanhar.
A empregada lá de cima é feita de papelão
Quando chega à cozinha
Vira-se assim pro patrão.
Sete e sete são quatorze
Com mais sete, vinte e um
Tenho sete namorados e não gosto de nenhum.

Prof. e todos: As pombinhas da Catrina, andaram de mão em mão,
Foram ter à quinta nova, ao pombal de São João
Ao pombal de São João, à quinta da Roseirinha
Minha mãe mandou-me à fonte e eu parti a cantarinha.

Ó minha mãe, não me batas
Que ainda sou pequenina (bis)
Eu hei-de ganhar dinheiro
Para comprar a cantarinha (bis).

Prof.: Palmas para a nossa pombinha. E o “Joaquim” vai fazer de quê?
Anda cá... Como faz o gato?

Menino 6: Miau, miau.

Todos: Atirei o pau ao gato, to, to,
Mas o gato, to, to não morreu, eu, eu.
Dona Chica, ca, ca assustou-se, se, se
Com o berro, com o berro que o gato deu: Miau!

Prof.: Vem agora...

El pollito

En el radio, tiene un pollito (2 vezes)

El pollito piu (7 vezes).

En el radio, tiene una gallina (2 vezes)

La gallina córocó, el pollito piu (6 vezes).

En el radio, hay también un perro (2 vezes)

El perro au, au, la gallina cocoró e el pollito piu (5 vezes).

En el radio, tiene un gato (2 vezes)

E o gato miau, el perro au, au, la gallina cocoró e el pollito piu (4 vezes).

Prof.: Pero no toques la guitarra...

Vamos despedir-nos com... eu não canto, o “Luís” vai fazer o som e vocês adivinham.

Menino 7: Muuuu

Todos: A vaca Lola, a vaca Lola,

Tem cabeça e vai à escola

Tem cabeça e vai à escola

E faz muuuu

Todos: Mais uma!

Professor: Está bem, mais uma.

Todos: O “Lino” come tudo, tudo, tudo

O “Lino” come tudo sem colher.

O “Lino” fica todo barrigudo

E chega à casa, dá beijinhos a quem?

“Lino”: Ao primo “Carlos”

Todos: Eu, eu, eu...

E o “Miguel” come tudo, tudo, tudo,

O “Miguel” come tudo sem colher.

O “Miguel” fica todo barrigudo,

E chega a casa, dá beijinhos a quem?

“Miguel”: Ao papá [...]

E todos os meninos comem tudo, tudo, tudo,

Os meninos comem tudo sem colher.

E ficam todos barrigudos,

E chegam a casa, dão beijinhos ao papá, à mamã...

Prof.: Beijinhos meninos, até à semana!

ANEXO VI – Transcrição da entrevista pré-observação realizada à educadora de infância

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Prepara os seus materiais? Onde?

Entrevistada: Em casa.

Entrevistadora: Como é feita a avaliação?

Entrevistada: É feita com a opinião dos pais da escola no *chat* e entregue trimestralmente. Lá, eles dão a sua opinião, porque há coisas que fazem na escola e não fazem em casa e vice-versa e mencionamos isso nos registos mensais. Também através dos portefólios, eles escolhem os seus trabalhos.

Entrevistadora: Como é feita a passagem de serviço?

Entrevistada: Meia hora todos os dias e no *chat* pessoal da sala.

Entrevistadora: Fazem trabalhos de grupo?

Entrevistada: Sim, o grupo dos 3/4 anos tem muitos rapazes e vão muito para os carrinhos e construções, não vão muito para as mesas, mas incentivamos isso e ainda mais para o ano que vem.

Entrevistadora: Como interage com as crianças estrangeiras e de outras culturas?

Entrevistada: Estas são espanholas e a minha origem é espanhola. Vim da Venezuela e por vezes, falo com eles em espanhol, mas tento fazê-los falar português.

Entrevistadora: É fácil para si?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: O que poderia ajudar a facilitar a integração dessas crianças?

Entrevistada: A sua adaptação foi muito boa e eu e o professor de música ao falarmos um pouco a língua deles ajudamos a que tenham mais confiança em se expressar.

Entrevistadora: Porque sugere a atividade de Enriquecimento de Música?

Entrevistada: Agora no fim do ano, é difícil ter uma atividade relacionada com este tema em específico. O professor de música é de Chaves e sabe e gosta de falar o espanhol, interage bem com as crianças espanholas e como temos algumas crianças da Venezuela e a que entrou agora há pouco ainda está em adaptação, é uma boa ideia.

ANEXO 7– Transcrição da entrevista pós observação realizada à educadora de infância

Entrevistadora: Como correram as atividades?

Entrevistada: Um ainda estava em adaptação, porque entrou a pouco tempo na sala. E é normal se agitarem um pouco com a turuta, quando a ouvem. O grupo em si é maioritariamente masculino e eles são um pouco agitados, mas correu mais ou menos bem. Além disso, era segunda-feira.

Entrevistadora: De que forma foi fomentada a interculturalidade?

Entrevistada: Através das canções e do diálogo em espanhol e em português, que todas as crianças gostam.

Entrevistadora: Acha que os objetivos foram atingidos?

Entrevistada: Sim, na maioria sim. Como é uma atividade semanal, eles já conhecem o professor e gostam dele.

Entrevistadora: Como verificar se os objetivos foram realmente atingidos?

Entrevistada: Algumas das crianças portuguesas já cantam em espanhol e as venezuelanas cantam em português, isso é muito bom!

Entrevistadora: O que melhoraria?

Entrevistada: O vocabulário que por vezes, a comunicação é difícil de se realizar por causa da agitação do grupo.

ANEXO VIII – Transcrição da entrevista pós-observação realizada ao professor de música

ENTREVISTA 14

Dia 18-6-2018, 12h30m

(17:30 minutos)

EB1/PE Lombo do Guiné

OBSERVAÇÃO

Prof. Música “Zacarias”

57 anos

Licenciatura em Exp. Musical

35 anos de serviço

Não tem formação na área

Nenhum cargo

Entrevistadora: Sei que gosta do espanhol, como pude ver na observação...

Entrevistado 14: Sou raiano e desde muito novo que sempre fui habituado às duas culturas e pronto [...] há sempre uma predileção [...] com certeza que sim, mas eu noto-os muito presentes em mim e na minha filha é uma coisa [...] mais acentuada do que eu relativamente a Espanha, Espanha para nós é [...]

Entrevistadora: Uma vizinha, uma segunda casa?

Entrevistado 14: Não, é mais do que isso [...] alguém um dia disse relativamente a Chaves quês estar em Chaves é estar em Portugal sem sair de Espanha e é verdade, porque na realidade nós fazemos vida em comunidade com os dois lados da fronteira. Isso é uma coisa muito gira. É curioso, porque se falar com qualquer flaviense este sentir digamos da influência de Espanha, do que significa para nós a Espanha é igual em todos, está a entender? É uma coisa engraçada [...], portanto é típico da gente raiana. Há alguns que têm uma característica portuguesa muito acentuada, até mais [...] são mais portugueses que quaisquer outros de Raia, mas há outros que...digamos que, antigamente, no final do século XVI, havia naquela zona uma região que se chamava Couto Misto e o que era? Eram umas terras que nem tinham [...] digamos [...] jurisdição de Espanha, nem de Portugal e eram como que independentes, inclusive os homens não iam à tropa, porque não se sabia de que lado tinham que ir, era engraçado [...] e isso deixou em 1800 e qualquer coisa que se definiram as fronteiras e houve casos curiosos, quando isso aconteceu. Há aldeias que foram cortadas ao meio, casas onde se entra em Portugal e se sai em Espanha, a sala pertence a Espanha e a cozinha a Portugal, só aqui e fora é que e sente essa coisa de fronteira, lá nunca se sentiu, entende [...], porque é a mesma terra, são as mesmas pessoas, é a mesma gente, por isso esse tal sentir que nós temos e eu transportamos sempre e curiosamente é muito português e eu diria que é muito ibérico. Quando estamos fora

da nossa terra, sentimo-nos mais atraídos por ela. Eu estou aqui há quase vinte anos e não há nenhum dia que não pense na minha terra, está a perceber?

Entrevistadora: Não sei como define a diversidade?

Entrevistado 14: A nível linguístico ou qual nível?

Entrevistadora: Qualquer nível.

Entrevistado 14: Isto tem muito a ver com o que estávamos a falar, porque a língua, a meu ver, as línguas existem para aproximar e não para separar e quando nós vemos que em determinadas situações a língua cria uma barreira, é horrível, por isso, olhe o português e o castelhano são duas línguas irmãs, da mesma raiz latina e tudo isso e até o século XVI, os portugueses eram bilingues, os autores, no tempo de Camões, escreviam em português e em castelhano naturalmente como acontece hoje em Espanha que é o bilinguismo em que os galegos falam o galego e castelhano, os catalães falam as duas, os bascos a mesma coisa, que é esse bilinguismo que é capacidade de falar duas línguas que acabam por ser duas línguas maternas e isso é o exemplo de como é [...] ou seja, a finalidade de uma língua é unir, era tão bom que nós aqui em Portugal, o castelhano é tão bonito [...] e se fosse mais trabalhado. Algumas pessoas nem o falam, mas entendam-me perfeitamente e é curioso, porque está um português e um castelhano e cada um fala a sua língua e entendem-se os dois, falando cada um a sua língua e isso é que é bonito, digamos a língua fez-se para aproximar e essa diversidade tem todo o sentido, quando serve para aproximar. Claro que não podemos falar do português para o inglês, não existe essa proximidade, mas o português e o espanhol tem essa identificação e era tão fácil que fosse tal como é o inglês ensinado nas escolas como língua obrigatória, que o castelhano fosse também [...] que era muito melhor, porque o castelhano pode tornar o português maior e vice-versa e nós hoje vivemos com Espanha, embora muitas vezes se tente dizer que de Espanha nem bom vento nem nada, não, nós estamos condenados a viver juntos, o mesmo espaço demográfico, se a Espanha está bem, Portugal está bem, se a Espanha está mal, Portugal está mal, portanto deixemo-nos de [...] repare o primeiro cliente de Portugal é Espanha, é o primeiro fornecedor de Portugal, é tudo [...], porque tem que ser, é o mesmo espaço. Já Camões dizia geograficamente, todos somos espanhóis e ele quando dizia espanhóis, queria dizer ibéricos, a antiga Espanha. E na realidade, é assim a nossa identidade, por exemplo, em termos de língua, todo o catalão é mais afastado do castelhano, do espanhol do que do português. Claro em termos lexicais, o português é oitenta e tal por cento, oitenta e seis por cento, igual ao espanhol e o catalão é só oitenta e quatro por cento, está a ver? [...] e então não falamos do basco, que então não tem nada a ver. Portanto em termos linguísticos, Portugal está próximo com certeza que sim e não se aproveitam estas sinergias todas [...] lá está [...] as línguas têm que nos aproximar sem que ninguém perca a sua. O galego não perdeu a sua língua, o catalão também, mas o castelhano é uma mais-valia, é aquilo que eu acho que a diversidade tem que ser, aliás como tudo no mundo, tem que ser compilado e tem que aproximar mais do que afastar.

Entrevistadora: Em termos de grupo de crianças, acha que ter um grupo heterogéneo ao nível linguístico e de cultura é...?

Entrevistado 14: Só traz benefícios, porque repare, fruto das vicissitudes que se fazem sentir na Venezuela, estão a vir lusodescendentes e não só [...] crianças que do português não tinham nada e chegam aqui e passado pouco tempo, já falam, já dominam e curiosamente compreendem perfeitamente, está a ver as vantagens que tinha em ensinar duas línguas? Era ótimo e o mais curioso ainda é que há crianças portuguesas que já os entendem também, isso é que é interessante, começam a compreender também o castelhano. Quantas mais palavras, mais conhecemos, mais abrem a nossa capacidade de entendimento das coisas, nós não podemos compreender um povo se não compreendermos a sua língua, não tenha dúvidas nenhuma e, portanto, é um grande benefício esta partilha linguística, tanto para um lado como pro outro.

Entrevistadora: A nível de sala, costuma partilhar algumas atividades com as educadoras?

Entrevistado 14: Vamos lá ver [...] aquilo que leva a mim à sala, estar com as crianças no fundo... é para despertar neles ou ajudar a criar referências musicais também, porque a música é essencial no crescimento e no desenvolvimento da criança, a música é muito mais do que escutar uma melodia, é muito mais do que bater as palmas, é muito mais do que isso... cria-nos [...] digamos capacidade intelectual, que, por vezes, ginástica intelectual que nós por vezes nem nos apercebemos disso e por vezes são as aprendizagens musicais, as referências musicais são as últimas a perder-se, por exemplo os doentes de Alzheimer, a última coisa que esquecem é a música, está a ver [...].

Entrevistadora: Mesmo para aprender novas palavras, a música ajuda...

Entrevistado 14: Exatamente, por causa da repetição, na música, tudo surge em ciclos, em repetições contínuas e isso ajuda muito. Nós trabalhamos muito mais facilmente uma letra musical do que um texto, por causa também da métrica e todas essas coisas e essa constante repetição, é que ajuda.

Entrevistadora: Por isso é que nas suas canções, fomenta a interculturalidade também?

Entrevistado 14: Sim, curiosamente as canções que canto e toco aos meninos são, por um lado, canções tradicionais portuguesas e outras que eu introduzi para fazer a ponte. Primeiro comecei por cantá-las em castelhano, mas depois traduzi.

Entrevistadora: Um menino venezuelano, não sei se era o “João”, já cantava era em português, por acaso reparei [...]

Entrevistado 14: Claro, claro, “La gallina papanatas” que é uma música em castelhano, mas eu pu-la em português. Eles sabem-na das duas maneiras. “A galinha papanatas” é uma canção castelhana por todos os lados e eu, no princípio, cantava-a em castelhano, mas aos poucos fui pondo-a em português e eles percebem-na toda e vamos fazendo essa ponte como se estivéssemos a tratar da mesma língua, mas uma língua muito mais ampla e é isso que deveria ser, aproveitando a proximidade.

Entrevistadora: Aquele instrumento que usou chama-se...?

Entrevistado 14: A turuta é o nome espanhol.

Entrevistadora: É espanhol o instrumento?

Entrevistado 14: Não, o instrumento chama-se em inglês “caze” qualquer coisa, em português não existe, mas em espanhol é este nome que os espanhóis cá não estão cá com meias coisas, traduzem tudo [...], e é turuta e eles conhecem e agora ninguém lhes diga que aquilo é outra coisa, porque aquilo é uma turuta, que faz aquele som turututu [...] mesmo para tocar, temos que, de alguma maneira emitir esse som, tutu, daí emitir esse som, eles gostam muito, adoram [...].

Entrevistadora: Não sei se quer dizer alguma coisa em relação à atividade?

Entrevistado 14: Repare, isto [...], a atividade também se vai compondo, porque no princípio, a minha intensão era cantar para eles e tornar a música algo familiar para eles, mas eles também vão pedindo, e vão intervindo, e eu também vou estando atento a esses sinais. Mas fundamentalmente é isso, porque tudo é dinâmico, nada é estático, nós levamos uma ideia, mas a partir daí temos que ter a flexibilidade suficiente para saber entender os sinais que nos vão chegando e a partir daí ir pondo e modificando as coisas e digamos [...] este contacto que tenho semanal com eles é feito por mim e por eles, é um tempo de partilha [...]. A partilha é a base de tudo, ninguém pense que faz as coisas sozinho, entende, e sabe [...] eles já me conhecem, eu vou à creche, à pré, à sala de transição e estes meninos já me conheciam na creche e os que estão na outra pré, também os conheci na creche e eu vou-me tornando familiar para eles e sobretudo brinco com eles, tente falar com eles [...]. Por vezes, não é fácil porque, à segunda, eles vêm mais agitados, mas por exemplo com os outros da outra pré, também já são maiozinhos, também já tenho outro tipo de relação, está a entender [...] e portanto a familiaridade que eu quero que eles sintam em relação a mim, quero que sintam em relação à música, que esse é que é o meu objetivo, porque a música é fundamental para a nossa vida, já viu: o que era da nossa vida sem música?

Entrevistadora: Um poema sem música é difícil de entrar, para eles [...] e com música, flui muito mais.

Entrevistado 14: Sim, sim. A música é que dá este colorido à vida. Pronto esta aura é muito importante.

Entrevistadora: Claro, não sei se quer falar mais alguma coisa [...].

Entrevistado 14: Não, penso que já falamos do que era mais importante [...].

Entrevistadora: Sim, obrigada. Agradeço a atenção e o tempo despendido [...].

ANEXO IX – Consentimentos informados

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre “A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira”, desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Arco do Calheta, 11 de junho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

Fernando Ramos Pereira

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Maria")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;

- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;

- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);

- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;

- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Câmara de Lobos 13 de Junho 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

[Assinatura]

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Kamele")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre “A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira”, desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Corbas, 28 de junho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

[Assinatura]

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Inês")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Lunchal, 14 de junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
Jana Silva

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Patrúcia")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Funchal, 14 de junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
DeltaCafé

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Isabel")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre “A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira”, desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Cambas, 14 de Junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
Talita Santos

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora “Tânia”)

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre “A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira”, desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Ribeira Brava, 22 de junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
Fernando Fernandes

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora “Fernanda”)

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;

- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;

- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);

- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;

- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Funchal, 27 de junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
João

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Prof. "João")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Funchal, 10 de julho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

André Dória

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Filipa")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre “A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira”, desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Calheta, 11 de julho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

Tatiana Costa

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora “Laura”)

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Ponte do Sal, 16 de Julho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

[Assinatura]

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "felisbela")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Ponta do Sol, 16 de julho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

Rosalinda Nogueira de Silva Gapan

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Professora "fabriela")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Calheta, 14 de junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
Rute

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Educadora "Rute")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Calheta, 18 de junho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

[Assinatura]

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(prof. música "Zacarias")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre "A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira", desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Calheta, 20 de junho de 2018

A investigadora

Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)

Bragança

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Emc de Ed. mãe do "Miguel")

Documento de Consentimento Informado:

Este documento estabelece as condições de participação do(a) entrevistado(a) num trabalho de investigação sobre “A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira”, desenvolvido por Eva Perregil, no âmbito da tese de Doutoramento em Educação, Especialidade Educação e Interculturalidade, na Universidade Aberta.

Com a assinatura do presente documento, os intervenientes acordam que:

- Leram a explicação dada sobre a pesquisa e que a mesma foi esclarecedora;
- Tiveram tempo para colocar todas as questões, que todas foram esclarecidas satisfatoriamente;
- A participação na entrevista é voluntária e sigilosa, portanto, o(a) entrevistado(a) pode recusar responder a qualquer questão formulada ou suspender temporária ou definitivamente a sua colaboração;
- A entrevista será realizada no local e hora acordados com o(a) entrevistado(a);
- A entrevista será gravada em formato áudio, a fim de economizar tempo e de manter fidelidade no discurso do(a) entrevistado(a). Este(a) pode requerer uma cópia, assim como uma transcrição integral da sua entrevista de onde poderá eliminar partes ou proceder a clarificações;
- O conteúdo da entrevista poderá ser total ou parcialmente divulgado no corpo do trabalho, salvaguardando sempre o anonimato do(a) entrevistado(a);

A assinatura do presente protocolo pressupõe o acordo entre a investigadora e o(a) entrevistado(a) relativamente aos temas e condições nele definidos.

Lomba do Lobo, 18 de Junho de 2018

A investigadora
Eva Perregil

O(A) entrevistado(a)
[Assinatura]

Este documento será elaborado em duplicado para que um dos documentos fique na posse do investigado.

(Enc. Ed. pai do "Matias")

ANEXO X – Autorizações dos diretores de escola onde foram realizadas as entrevistas

Sou de pomaral
Favorável
8/06/2018

EB1/PE Carvalhal e Carreira, Funchal

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica de 1º Ciclo com Pré escolar
de Ladainha e Lameiros

Rallota
Funchal, 8 de Junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalhal e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente
Eva Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

*Autorização
Carvalho
13.06.2018*

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 123/PE e Creche
de Currel das Freixas

Câmara de Lobos, 13 de junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalho e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.^a Ex.^a que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Sou de paracet
favorável
A diretora:
Hauise Loucos
28-6-2018

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 19 PE
de Carvalhal e Carreira

Cambas 28 de junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalhal e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Soydo Pereira Fagundes
Jucimil Silva Romão
8/06/2018.

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica de 1º Ciclo com Pré escolar
de Comlo dos Carvalos

Carvalos
Funchal, 8 de junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalhal e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Sou de parecer
favorável.

O Diretor
João Marcos

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 1º Ciclo / PE
de Ribeira Brava

R. Brava, 22 de Junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalho e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Carica formal



Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 1º IPE
de Ribeira de São João

Funchal, 27 de junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalhal e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.^a Ex.^a que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 1.º Ciclo / Pro
de Ladeira

Funchal, 10 de junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalhal e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoras Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoras Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil



Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica de 1º Ciclo com Pré escolar
de Calheta

Funchal, 11 de julho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalho e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

SOU DE PARECER FAVORÁVEL
O DIRETOR



Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 1º Ciclo do PE
de Lombado

P. d. Sol, 16 de julho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalho e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

*Sou do parecer favorável
a diretora*

[Assinatura]


SOU DE parecer Functal
O Direção da EB1/PE de Lomba de 6.ª

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica de 1º Ciclo com Pré escolar
de Lomba de 6.ª

Calheta
Functal, 8 de Junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalhal e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.ª Ex.ª que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Exmo/a. Senhor Diretor/a da
Escola Básica 10/PE e Creche
de Nazaré

Funchal, 14 de Junho de 2018

Assunto: Autorização para realizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Educação e Interculturalidade, ministrado pela Universidade Aberta.

Exmo/a Senhor/a Diretor/a,

Eu, Eva Sandrina Sousa Perregil, educadora de infância colocada na EB1/PE Carvalho e Carreira, venho, por este meio, solicitar a V.^a Ex.^a que se digne autorizar uma investigação no âmbito do Doutoramento em Educação, na especialidade Interculturalidade e Educação, ministrado pela Universidade Aberta, tendo como Coordenadoras de Curso as Professoras Doutoradas Darlinda Moreira, Luísa Aires e Maria de Fátima Goulão e como Orientadoras da Tese de Doutoramento as Professoras Doutoradas Lúcia Amante e Glória Bastos, sob o tema: **A interculturalidade e o uso das TIC na educação pré-escolar na Região Autónoma da Madeira.**

Com esta investigação pretende-se verificar se o tema da interculturalidade é trabalhado nas salas de pré-escolar públicas da região pelos educadores de infância. Se tal se verifica, de que forma o fazem, se recorrem às Tecnologias Digitais para isso e de que forma o realizam.

Como metodologia de trabalho, será utilizada uma metodologia de carácter misto, de carácter descritivo e interpretativo, recorrendo aos inquéritos para se abranger um maior número de educadores, cuja análise estatística será complementada com a análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas a educadores com boas práticas na abordagem à temática da interculturalidade e outros parceiros educativos, e com possível observação dessas práticas.

Desde já, comprometo-me a respeitar todos os princípios éticos e deontológicos, nomeadamente a estrita confidencialidade no que respeita à metodologia e aos dados, sendo estes apenas utilizados para a referida investigação.

Agradecendo desde já a V/ atenção para o exposto subscrevo-me, com consideração,

A Docente

Eva Sandrina Sousa Perregil
Eva Sandrina Sousa Perregil

Autorizo o pedido
O Diretor
[Assinatura]

ANEXO XI – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA 1

Dia 11-6-2018, 13h

(9,36 minutos)

EB1/PE Ladeira e Lamaceiros

Ed. “Maria”

49 anos

Licenciatura

26 anos de serviço

Não tem formação na área

Já foi formadora e vice-reitora

Entrevistadora: O que considera ser um grupo homogêneo?

Entrevistada 1: O meu grupo não é um grupo heterogêneo.

Entrevistadora: E a nível intercultural? Acha que há grupos homogêneos?

Entrevistada 1: Cada vez há mais grupos heterogêneos, crianças de filhos emigrantes, crianças que estão a vir muito para cá. Cada vez há mais essa tendência.

Entrevistadora: E acha que tem mais vantagens em ter um grupo homogêneo?

Entrevistada 1: Não, eu acho que é mais vantajoso ser um grupo heterogêneo, mesmo a nível de idades, a nível intercultural.

Entrevistadora: Porque acha isso?

Entrevistada 1: Há uma maior motivação, as diferenças nas crianças, os confrontos geram, ajudam a avançar.

Entrevistadora: Aqui, já mais na prática em si, costuma planificar mensalmente?

Entrevistada 1: Não, nós planificamos diariamente, porque nós trabalhamos com o MEM (Movimento da Escola Moderna) e partimos sempre dos interesses das crianças que são registados sempre no diário e a partir daí nós vamos operacionalizando no plano do dia o que queremos fazer.

Entrevistadora: Acha que ter em conta este tipo de crianças de outras culturas é importante, quando põe em prática esses interesses das crianças e isso? Acha que é importante ter em conta cada cultura, cada vivência deles?

Entrevistada 1: Sim, nós nunca podemos esquecer a cultura de cada criança e temos que estar sempre abertos às vivências deles porque é daí que advêm as práticas.

Entrevistadora: Costuma implementar algumas atividades de carácter intercultural?

Entrevistada 1: Nós este ano não temos nenhuma criança estrangeira nem de culturas diferentes, mas já tivemos e tentávamos sempre saber a nível de alimentação os hábitos alimentares, as regras a nível da escola onde tinham frequentado, saber os modos e tradições e nós chegamos a ter duas mães da Venezuela que vieram mostrar um pouco da cultura

alimentar deles na altura do Natal, portanto o que é que eles comiam e elas fizeram a receita e as crianças puderam experimentar. Acho que foi bom, todos gostaram.

Entrevistadora: Este ano que não tem essas crianças, mesmo assim, costuma fomentar a interculturalidade na sala e entre as crianças ou não?

Entrevistada 1: Este ano o que nós fizemos foi uma criança que tem [...], mas partiu do interesse de uma criança que tinha uns vizinhos que eram alemães, falavam alemão e então ela queria que viessem à sala alguém que soubesse falar alemão e havia uma criança que tinha uma tia na Alemanha e então ela veio à sala falar com eles em alemão, também foi um momento bastante bom para eles.

Entrevistadora: Acha que também a nível geral, acha que este tema é trabalhado nas salas de pré-escolar? Deveria ser mais?

Entrevistada 1: Penso que hoje em dia, as educadoras que têm crianças estrangeiras, têm em conta essa realidade e tentam de uma maneira ou de outra sempre abarcar esse tema.

Entrevistadora: Acha que ter esse tipo de crianças dá mais trabalho?

Entrevistada 1: Não é que seja mais trabalho, só que a pessoa tem que ter uma consciência daquela realidade e ir ao encontro dela [...].

Entrevistadora: Também facilitar a comunicação, não é? Ir ao encontro [...].

Entrevistada 1: Sim, nós já tivemos essa criança que falava inglês, claro que no início era mais complicado, mas uma colega dominava mais o inglês e ajudava [...] e conseguimos bem e as crianças também vão-se adaptando, eles têm mais capacidade de adaptação e eles conseguem.

Entrevistadora: Ao nível da escola, também acha que houve apoio nesse ano que teve essa criança, em integrar. Essa colega que ajudou era do inglês?

Entrevistada 1: Não, era a educadora que dominava bem o inglês. Ao nível de escola, também acho que todos os professores têm essa capacidade de acolher as crianças estrangeiras.

Entrevistadora: Partindo agora para as TIC, costuma utilizá-las?

Entrevistada 1: Sim, mais a nível de apresentações em *PowerPoint* na sala.

Entrevistadora: E recorre às TIC quando é para trabalhar estes temas da interculturalidade?

Entrevistada 1: Não, até agora não.

Entrevistadora: Tem apoio do prof. TIC?

Entrevistada 1: Sim, qualquer dúvida que nós tenhamos, ela ajuda. Ela está sempre pronta a apoiar.

Entrevistadora: Tem aulas para a pré?

Entrevistada 1: Sim, as crianças têm informática uma vez por semana.

Entrevistadora: E acha que a nível da região, os educadores costumam recorrer às novas tecnologias ou há muita falha?

Entrevistada 1: Não, eu penso que hoje em dia toda a gente tem que estar adaptada, já tem um bocadinho de bagagem para trabalhar com essas ferramentas.

Entrevistadora: Aqui na parte da ligação escola-família, acha que as TIC conseguem essa ligação?

Entrevistada 1: As TIC são utilizadas na transmissão de recados, nas reuniões, as pessoas usam sempre a parte tecnológica para facilitar o trabalho.

Entrevistadora: **E para comunicar trabalhos? Partilhar?**

Entrevistada 1: Sim, também, a escola sim, na página [...].

Entrevistadora: As famílias das crianças estrangeiras participavam na vida da escola?

Entrevistada 1: Sim, as que tenho tido sim.

Entrevistadora: **Acha que as famílias, quando tinha, elas só falavam a língua materna com o seu educando ou faziam um esforço por tentar falar o português?**

Entrevistada 1: Havia famílias que sim [...] falavam só a língua materna, outras não. Até a mãe desta criança também é estrangeira e o pai é português, mas ela é estrangeira e só fala inglês e em casa também.

Entrevistadora: **Acha que eles se esforçam por tentar falar o português para passar ao educando?**

Entrevistada 1: Eu penso que sim, mas não sei se eles tentam ter apoio extra, aulas de português, não sei [...].

Entrevistadora: **Há abertura dessas famílias com a escola e o pessoal da escola?**

Entrevistada 1: A relação foi bastante positiva. E por acaso estou-me a lembrar que esta mãe, a nível das avaliações, ela não percebia o que nós lhe dizíamos oralmente, mas a escrita ela conseguia ler, ia no ritmo dela geralmente ela lia a avaliação e depois também tinha o apoio do marido, ele ia traduzindo o inglês [...]. Esta é sempre uma realidade positiva para as outras crianças também, para os adultos que trabalham, é um desafio diferente.

Entrevistadora: Muito obrigada pelo tempo despendido.

ENTREVISTA 2

Dia 13-6-2018, 13h15m

(9,55 minutos)

EB1/PE Curral das Freiras

Ed. "Manuela"

42 anos

Licenciatura

17 anos de serviço

Não tem formação na área

Nenhum cargo

(Foram realizadas mais perguntas do questionário, porque a entrevistada não tinha respondido ao mesmo)

Entrevistadora: Concorda que ter crianças estrangeiras na sala implica mais trabalho para o educador?

Entrevistada 2: Sim, acho que sim.

Entrevistadora: Na sua sala tem um grupo homogéneo ou heterogéneo?

Entrevistada 2: Tenho um grupo heterogéneo.

Entrevistadora: O que considera ser um grupo homogéneo?

Entrevistada 2: É o que tem as mesmas idades, a mesma cultura e a mesma religião.

Entrevistadora: Acha que a diversidade cria mais oportunidades educativas na sala?

Entrevistada 2: Sim, claro.

Entrevistadora: Sente-se preparada para ter diversidade?

Entrevistada 2: Nem sempre me sinto preparada para ter crianças de diferentes culturas, este ano as crianças são da Venezuela e são muito boas e adaptaram-se bem.

Entrevistadora: Essas crianças adaptam-se bem?

Entrevistada 2: As crianças de diferentes culturas apresentam maiores dificuldades de integração na vida escolar, principalmente na linguagem, na alimentação, nas regras [...], não se adaptam bem às rotinas da sala.

Entrevistadora: Acha que é bom promover atividades interculturais?

Entrevistada 2: Sim.

Entrevistadora: É bom aproveitar essa diversidade que tem na sala para planificar as atividades?

Entrevistada 2: Sim.

Entrevistadora: Acha que as crianças aceitam bem as crianças que vêm?

Entrevistada 2: Sim, aceitam muito bem.

Entrevistadora: Como planifica as atividades?

Entrevistada 2: Planifico com a minha colega semanalmente.

Entrevistadora: Não suas práticas, costumam implementar essas atividades independentemente de ter ou não crianças estrangeiras ou não?

Entrevistada 2: Às vezes, nós trabalhamos mais consoante os temas, quando é o dia da criança e o dia da diversidade ou nalgum projeto.

Entrevistadora: **Acha que é mais fácil quando tem crianças assim?**

Entrevistada 2: É mais fácil, eles também participam e trazem a sua realidade.

Entrevistadora: **Pode dar exemplos?**

Entrevistada 2: Teve o caso de um colega do 1º Ciclo da outra escola, anexa a esta, porque apesar de estar em edifícios separados, preparamos atividades juntos no Natal, as crianças cantaram canções de Natal em língua estrangeira para toda a comunidade escolar. Outra atividade, foi no dia da Criança, cada um falou da sua realidade e os venezuelanos falaram como era a sua escola e houve miúdos que disseram que a sua escola tinha grades, que era a sua realidade e que aqui não existe e eles ficaram admirados, porque aqui não há grades para as pessoas não poderem entrar.

Entrevistadora: **E acha que na Madeira este tema ainda é pouco trabalhado?**

Entrevistada 2: Acho que deveria ser mais, eu falo por mim também. Trabalho pouco. Porque temos que nos adaptar a esta nova realidade, principalmente de venezuelanos que vêm agora.

Entrevistadora: **Costuma recorrer às TIC?**

Entrevistada 2: Sim.

Entrevistadora: **Com as crianças no dia-a-dia?**

Entrevistada 2: Sim.

Entrevistadora: **E acha que são importantes?**

Entrevistada 2: Sim, muito.

Entrevistadora: **Tem aula de TIC com o apoio de outro docente?**

Entrevistada 2: Não, não temos, por indisponibilidade de horário.

Entrevistadora: **E para promover a interculturalidade? Em que atividades são usadas?**

Entrevistada 2: Pesquisas, mostrar imagens. Houve uma vez que fizeram desenhos da história e pusemos num documento e cada um apresentou um *PowerPoint*. O seu desenho, o seu trabalho, acerca da história “O menino de todas as cores” e cada um apresentou a sua parte, cada um teve de dizer de onde era aquele menino, a sua cor, a roupa, como se vestia. Mas foi noutra escola.

Entrevistadora: **Com as famílias, utiliza as TIC para combinar reuniões, partilhar trabalhos?**

Entrevistada 2: Não. Não uso.

Entrevistadora: **Com as famílias, utiliza as TIC para partilhar trabalhos?**

Entrevistada 2: Não. Também não.

Entrevistadora: **Já teve crianças na sala de outras nacionalidades e culturas? Que tipo da diversidade já teve?**

Entrevistada 2: Os venezuelanos este ano [...], e eu já tive uma peruana noutro ano, mas ela era filha de uma mãe portuguesa, o pai era peruano e [...] ela falava quase melhor o português que a outra língua.

Entrevistadora: **E em relação ao comportamento?**

Entrevistada 2: Em relação às rotinas, penso que a realidade deveria ser diferente nas escolas, porque havia um que dizia que não podia correr no recreio, porque havia muitas coisas diferentes.

Entrevistadora: Em relação à família dessas crianças, acha que elas se relacionam bem com os professores, pessoal da escola?

Entrevistada 2: Sim, sim [...] relacionam-se bem.

Entrevistadora: E elas participam nas atividades promovidas na escola?

Entrevistada 2: Sempre que são solicitadas, participam. Por exemplo, no dia da família, fizemos uma atividade em que todos deveriam fazer um desenho ou uma pintura. E quem participou mais foram as mães das crianças estrangeiras e tiveram mais tempo na sala e foram as últimas a ir embora.

Entrevistadora: Quando se relacionam com o seu educando, tentam falar português.

Entrevistada 2: Sim, sim [...] na sala.

Entrevistadora: E entre elas as crianças entendem-se bem?

Entrevistada 2: Sim, melhor que nós às vezes [...]

Entrevistadora: Acha que deveria haver apoio na língua portuguesa a essas famílias?

Entrevistada 2: Aqui na escola há. Elas vêm [...] as mães têm uma espécie de apoio na biblioteca e penso que é o técnico de biblioteca que dá esse apoio de manhã. Tem pelo menos duas mães que vêm ter esse apoio na biblioteca.

Entrevistadora: Se as mães têm algum problema ou dificuldades, elas costumam recorrer à escola?

Entrevistada 2: Sim, sim.

Entrevistadora: É uma realidade interessante dar esse apoio na escola ao nível da língua.

Entrevistada 2: É, é [...]. Nós também na sala pedimos aos pais para dar esse apoio ao nível do português. Incentivamos a falar o português. Dizemos: olha, tu sabes falar duas línguas e os outros só sabem o português, porque inicialmente têm uma certa relutância em falar ou têm medo de errar ou pensam que vão ser gozados. Neste caso, este grupo foi espetacular, porque aceitou-os muito bem. Temos dez crianças e tem quatro venezuelanas e o ano passado tínhamos mais um.

Entrevistadora: Ok, obrigada pela colaboração.

ENTREVISTA 3

Dia 28-6-2018, 17h

(6:50 minutos)

EB1/PE Ponta do Sol

Ed. "Inês"

40 anos

Mestrado

18 anos de serviço

Não tem formação na área

Coordenadora Eco escola

Entrevistadora: O que considera ser diversidade para si?

Entrevistada 3: Diversidade é ser diferente e respeitar a si e ao Outro dentro da sua diferença.

Entrevistadora: Tem um grupo homogéneo ou heterogéneo?

Entrevistada 3: Os grupos são sempre heterogéneos a nível de desenvolvimento, de maturidade, de vivências e a nível cultural e religioso, de nacionalidades, etc. este ano só tive três crianças que vieram da Inglaterra e uma que veio há pouco tempo e que só fala mesmo o inglês, os outros não, falam e compreendem bem o português.

Entrevistadora: Tem mais vantagens ter crianças estrangeiras e de outras culturas na sala ou não?

Entrevistada 3: É assim [...], na realidade dá mais trabalho, principalmente quando não percebem o português, mas é interessante ver a troca que há de vivências, de línguas, etc.

Entrevistadora: Sente-se preparada para ter essas crianças?

Entrevistada 3: No espanhol e no francês ainda me sinto bem, mas no inglês, compreendo mais ou menos, mas para falar, às vezes, esqueço-me de algumas palavras.

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada 3: Sim, com a minha colega.

Entrevistadora: Acha importante planificar tendo em conta estas crianças ou planifica igual e depois adapta?

Entrevistada 3: Planificamos igual, depois vamos adaptando e traduzindo.

Entrevistadora: Costuma implementar atividades de carácter intercultural?

Entrevistada 3: Sim, em vários momentos ao longo do ano.

Entrevistadora: Pode dar exemplos?

Entrevistada 3: Então [...], por exemplo, nas festividades como o Pão-por-Deus e o Halloween, no Natal, na Páscoa e no Dia da Criança, sempre abordamos outras realidades; depois, ao longo do ano em pesquisas na internet ao nível da culinária, por exemplo [...], do vestuário quando falamos do tema, das habitações que há pelo mundo, das danças tradicionais, mas também das de outros países.

Entrevistadora: Fomenta a interculturalidade nas crianças da sala e entre elas?

Entrevistada 3: Sim, no dia-a-dia procuramos sempre formá-las enquanto pessoas, para se aceitarem a si e poderem aceitar os outros também. Quanto às crianças que são de outros países, tentamos integrá-las, ajudando-as nas tarefas do quotidiano e quando estão isoladas, solicitamos aos colegas que brinquem com elas e as incluam nas suas brincadeiras.

Entrevistadora: Acha que este tema é pouco trabalhado nas salas de pré-escolar?

Entrevistada 3: Não sei bem, mas acho que esta realidade de receber crianças estrangeiras sempre existiu, mas está cada vez a aumentar e a população docente ao nível do pré-escolar está um pouco envelhecida, não sei até que ponto está preparada para esta nova realidade [...].

Entrevistadora: Que tipo de diversidade já teve?

Entrevistada 3: Crianças espanholas e inglesas, basicamente ao nível da nacionalidade, e no nível do desenvolvimento e da faixa etária [...].

Entrevistadora: As outras crianças aceitaram bem essas crianças estrangeiras?

Entrevistada 3: Sim, bem, mas a barreira da linguagem dificulta sempre a interação e a comunicação.

Entrevistadora: Que dificuldades sentiram ou sentem ao chegar cá?

Entrevistada 3: Mais ao nível da alimentação e da linguagem. O comportamento é igual ou podem se isolar um pouco por causa, lá está, como disse anteriormente por causa da dificuldade em comunicar.

Entrevistadora: Acha que a sua escola ajuda a integração e a adaptação dessas crianças?

Entrevistada 3: Sim, há vontade de todos colaborarem. No meu caso, a professora de inglês ajudou quando era para conversar, principalmente com os pais na matrícula e nas outras questões mais burocráticas ou sempre que fosse preciso. Acho que deveria haver mais apoio para as crianças, no caso de haver necessidade de uma língua estrangeira. Além disso, sempre houve ensino recorrente para o caso de os pais quererem aprender ou melhorar o português.

Entrevistadora: A escola, através do Projeto Educativo por exemplo, tem em conta o tema da interculturalidade?

Entrevistada 3: Sim, aborda o tema dos valores e do respeito pelo outro, em que está implícita a noção de interculturalidade.

Entrevistadora: Recorre às TIC com as crianças?

Entrevistada 3: Sim, muitas vezes.

Entrevistadora: As crianças têm Atividade de Enriquecimento ou computador na sala?

Entrevistada 3: Têm uma vez por semana com o apoio do docente TIC e têm computador na sala, para jogos e exploração deles e muitas vezes uso o meu portátil e ligo os cabos ao ecrã para verem melhor e fazemos pesquisas, visualização de imagens, histórias, *PowerPoint*, com a minha *pen* da internet, porque não temos *net* na sala.

Entrevistadora: Recorre às TIC para comunicar com as famílias?

Entrevistada 3: Pouco. Temos uma página da escola para as questões mais formais, mas ainda comunicamos recados e reuniões através do papel na caderneta ou por mensagem no telemóvel.

Entrevistadora: Recorre às TIC para promover a interculturalidade, não é? Como falou das pesquisas e isso. Mais algum caso que queira referir?

Entrevistada 3: Sim, por vezes, contamos histórias ou exploramos canções através do *PowerPoint* ou do *Slide share*, fazemos pesquisas [...], através do meu portátil.

Entrevistadora: Acha que os educadores da região recorrem às TIC ou ainda pouco na sala?

Entrevistada 3: Como disse, a nossa classe no ativo das públicas está envelhecida e apesar de muitos recorrerem aos *PowerPoint* e à net, ainda não dominamos muito os novos programas e aplicações e há muitos que, penso que nem a isso recorrem.

Entrevistadora: As crianças têm aula TIC com o apoio de outro docente?

Entrevistada 3: Sim, têm uma hora semanal.

Entrevistadora: Acha que as TIC promovem a ligação escola-família?

Entrevistada 3: Sim, poderiam promover, mas não é o meu caso, porque também não domino muito a criação de grupo, de blogues e isso, mas seria interessante.

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 4: Sim, participam, costumam participar [...].

Entrevistadora: Acha que as famílias estrangeiras só falam a língua materna com o educando?

Entrevistada 3: No caso das crianças cujos pais regressam ao país após uma saída a outro país geralmente falam o português, mas no caso deste inglês em que os pais só falam o inglês, é mais complicado [...].

Entrevistadora: Acha que se esforçam por falar o português com o filho?

Entrevistada 3: Depende, há uns e outros, mas no caso do espanhol, quando vêm da Venezuela, têm alguma relutância em falar o português e largar o espanhol. No caso do inglês, também nós é que tínhamos que tentar compreender e falar com eles e ensinar o português ao filho, delegam isso muito à escola [...].

Entrevistadora: Deveriam ter apoio ao nível da aprendizagem da língua portuguesa?

Entrevistada 3: Penso que sim. Seria importante, porque só a escola não chega.

Entrevistadora: Há abertura dessas famílias com o pessoal da escola?

Entrevistada 3: Sim, alguma. Quando precisam, falam e no dia-a-dia, são simpáticos.

Entrevistadora: Mais alguma coisa que queira referir?

Entrevistada 3: Queria só referir que no caso deste casal inglês, quando eu me esforçava por falar com eles no meu inglês rudimentar, ainda me corrigiam e não faziam esforço por aprender o português. Por acaso, a criança aprendia com alguma facilidade e até ia compreendendo o que se lhe pedia e transmitia, mas os pais nem sempre têm essa vontade de aprender. Depois, até a mãe começou a sofrer de violência doméstica e acabaram por separar-se, mas a escola não sabia de nada, só quando a polícia levou a mãe e a criança para uma instituição é que descobrimos todos os problemas que se passavam. Não é fácil perceber o que se passa para além do que vivemos com as crianças na sala, mas quando existe a barreira da língua, ainda é pior [...].

Entrevistadora: Queria agradecer-lhe a disponibilidade...

ENTREVISTA 4

Dia 14-6-2018, 16h

(8:05 minutos)

EB1/PE Nazaré- Infantário Girassol

Ed. "Patrícia"

55 anos

Licenciatura

31 anos de serviço

Não tem formação na área

Cargo no sindicato

Entrevistadora: O que é para si a diversidade na sua prática?

Entrevistada 4: Na sala é tudo. As crianças não são todas iguais. Não têm a mesma idade, não aprendem a andar na mesma idade, nem a falar na mesma idade. Há sempre diversidade independentemente da língua e da cultura que têm.

Entrevistadora: Tem um grupo heterogéneo?

Entrevistada 4: A nível do desenvolvimento, é muito heterogéneo. A nível de linguagem, tenho três crianças com apoio da terapeuta da fala. Tenho um grupo dos 5 anos com 24 crianças. Não é fácil [...].

Entrevistadora: E tem crianças de outras nacionalidades?

Entrevistada 4: Tenho, tenho, tenho [...], ele é português, mas os pais são alemães, e tenho um que o pai vive com os avós que são espanhóis. Neste momento, acho que são esses dois.

Entrevistadora: E ao longo da sua prática, acha que tem vindo a ter mais dessas crianças?

Entrevistada 4: Sim, ah [...], e tenho um também da África do Sul. É claro que não é fácil, principalmente com esse de África do Sul que só falava inglês [...] não foi fácil. Não da minha parte, mas da parte da mãe que não percebia o que se dizia. E a avó da criança muda que é espanhola. O espanhol e o português [...] são muito parecidos, mas ela tem muita dificuldade em perceber. Mais ao nível de recados.

Entrevistadora: Dá mais trabalho?

Entrevistada 4: Sim [...] o que era alemão falava muito bem português, até à altura em que os pais entenderam que ele tinha que falar alemão em casa e passaram a falar tudo em alemão. O pai falava bem o português, que já está cá há alguns anos e a mãe também. Na altura andou a aprender o português e falava connosco sempre em português para melhorar. Quando achou que estava bem, começou a falar alemão com o filho e ele falava bem as duas línguas e agora, às vezes, tem muita dificuldade no português. Agora, ele vai para uma escola de 1º Ciclo portuguesa [...], deveriam incentivar essa língua.

Entrevistadora: Acha que o papel dos pais é importante?

Entrevistada 4: É fundamental [...], como eles sabiam o português, deveriam falar as duas línguas, uma vez que ele vai frequentar o 1º Ciclo aqui na Madeira.

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada 4: Sim.

Entrevistadora: Acha importante ter em conta essas crianças no plano?

Entrevistada 4: Não, o plano é feito igual para toda a gente. É feito igual para todos [...], só que uns precisam que nós vamos até eles e explicamos melhor e ajudamos, outros não precisam, mas os que precisam, agente vai ao encontro deles.

Entrevistadora: Costuma implementar atividades de caráter intercultural na sala?

Entrevistada 4: Sim, tipo no Dia Mundial das Crianças, agente fala muito em todas as culturas, há tantos meninos de tantas cores diferentes e isso tudo. Mas, por acaso esse tema não foi trabalhado este ano, porque não foi esse tema no Plano Anual de Atividades. Incidimos mais sobre outras coisas, a reciclagem, o tema foi o ambiente.

Entrevistadora: Acha que a nível da Região, esse tema é abordado ou poderia ser mais?

Entrevistada 4: Ultimamente, tem sido mais, tem havido mais formações, também sobre isso [...], também nestes últimos anos é que houve esse surto de emigrantes e agora da Venezuela e África do Sul, também exige mais [...].

Entrevistadora: E na sala, acha que as outras crianças aceitam bem, independentemente de não as compreenderem?

Entrevistada 4: Sim, sim, aceitam muito bem. Mas as crianças aprendem a nossa língua muito facilmente, o complicado é os pais que têm muita dificuldade em compreender a nossa língua. As crianças, passado um mês já vão falando e compreendendo, os pais é que é muito complicado. Essa mãe da África do Sul, ou ela não quer aprender [...], porque o filho já fala muito bem e ela não.

Entrevistadora: Acha que a sua escola fomenta essa adaptação dessas crianças?

Entrevistada 4: Sim, fomenta. É que não tem só crianças estrangeiras, tem também crianças de outras etnias, de etnia cigana, de outras religiões e a escola aceita tudo e aliás, no início, não perguntamos nada quando se vêm inscrever.

Entrevistadora: E quais as maiores dificuldades que sentem, por exemplo, quando fazem atividades de Natal?

Entrevistada 4: Há que ter sempre em conta essas diferenças, mas como isso é um grupo minoritário, agente fala com os pais, porque temos que seguir pela maioria e então eles optam, se querem deixá-los em casa nesse dia, ou vêm busca-los mais cedo. Nesse aspeto, há sempre compreensão, mas tem que haver um trabalho da nossa parte.

Entrevistadora: A nível das TIC, costuma utilizar na sala o computador, a televisão?

Entrevistada 4: Sim, porque as crianças a partir dos 4/5 anos têm aulas TIC.

Entrevistadora: A docente TIC também vos ajuda quando querem trabalhar um tema mais específico?

Entrevistada 4: Exatamente. Quando se tem um tema e se propõe que pesquise qualquer coisa sobre o tema.

Entrevistadora: E a nível da interculturalidade, acha que as TIC são uma mais-valia?

Entrevistada 4: Exatamente. Eu digo o que quero e ela pesquisa.

Entrevistadora: E faz a ligação com as famílias através das TIC? Para dar recados, por exemplo?

Entrevistada 4: É assim, os pais têm acesso a tudo o que se passa na escola. Publicam alguns trabalhos na página da escola. Para além disso, tem exposições de tudo o que é feito.

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 4: Sim, só mesmo se não puderem [...].

Entrevistadora: No caso dessas famílias que têm mais dificuldades ao nível da língua, acha que deveriam ter apoio?

Entrevistada 4: É assim, é como lhe disse, os pais não aprendem se não quiserem, porque no caso dos alemães, ela teve aulas e falava corretamente, aprendeu e deixou de treinar e depois [...] aqui têm aulas de português fora da escola se quiserem.

Entrevistadora: E acha que eles comunicam facilmente com a escola, se têm algum problema?

Entrevistada 4: Nem que seja por gestos comunicamos.

Entrevistadora: Agradeço-lhe desde já a disponibilidade.

ENTREVISTA 5

Dia 14-6-2018, 17h

(6,55 minutos)

EB1/PE Nazaré- Infantário Girassol

Ed. "Isabel"

56 anos

Licenciatura

37 anos de serviço

Na formação continua

Nenhum cargo

Entrevistadora: O que considera ser diversidade na sala? Acha que é só ao nível da língua?

Entrevistada 5: Sobretudo ao nível da língua. Neste momento, eu tenho duas crianças da Venezuela, uma é autista, já desde o ano passado que tenho. Eu tenho o grupo dos 4 anos. É o segundo ano que tenho essa menina e tenho um, rapaz que veio agora da Venezuela; mais é a linguagem, mas adaptou-se bem. Claro que, às vezes tem dificuldade em se expressar, porque é mais os pais que é mais difícil de perceberem e o grupo aceita-os bem também.

Entrevistadora: Acha que tem mais vantagens em ter crianças assim no grupo?

Entrevistada 5: O grupo em si pela idade é homogéneo, mas a nível de desenvolvimento é diferente, mas ter uma criança de outra língua é bom, embora o espanhol também não difere muito do português. Eu já tive uma inglesa e aí é mais complicado que ela só falava inglês.

Entrevistadora: Costuma planificar mensalmente?

Entrevistada 5: Sim, sim.

Entrevistadora: Difere alguma coisa tendo em conta essas crianças?

Entrevistada 5: Não, não. Por vezes, aproveita-se nos diálogos [...], é abordado algum assunto, tentar que ele diga também em venezuelano, como é que é, para ele se sentir valorizado. Ele há dias cantou uma canção em venezuelano, espetacular [...], os outros não percebiam bem o que ele dizia, mas gostaram e ele ficou [... (encantado)].

Entrevistadora: Atividades mesmo que tenha implementado nesta área?

Entrevistada 5: Agente aproveita os momentos do dia-a-dia. Até nem é preciso motivá-los para [...], mais para valorizá-lo como pessoa, porque ele, às vezes, tem medo de errar, insegurança ou de não se fazer entender, mas não especificamente uma planificação só para isso.

Entrevistadora: Acha que este tema é trabalhado nas salas ou deveria ser mais?

Entrevistada 5: Depende das idades também [...], eu quando trabalhava com os cinco anos, tinha sempre o cuidado de sensibilizar para as diferenças. Mas penso que cada vez é mais abordado.

Entrevistadora: Qual a maior dificuldade que sentem?

Entrevistada 5: A autista é mais complicada, porque tem as limitações da doença, agora o rapaz adaptou-se bem, é mais no diálogo, quando quer transmitir uma ideia [...] ele diz, mas depois [...]. No caso da menina que tive há uns anos de África do Sul foi mais complicado, porque tinha

que falar inglês com ela. Mas era só a linguagem a maior barreira, porque a nível de socialização, eles aceitam muito bem, mas claro que tinha que explicar muito bem a ela, porque se dizia em português, ela não percebia, aos poucos, ela foi percebendo o português e isso [...].

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 5: Costumam participar.

Entrevistadora: Essas famílias relacionam-se bem com o pessoal da escola?

Entrevistada 5: Sim, se não sabem bem falar, tentam com gestos ou de qualquer forma.

Entrevistadora: As famílias incentivam os filhos a falar o português ou não?

Entrevistada 5: Eles são lusodescendentes, tem essa vantagem que já falam o português em casa e mesmo que não falem, deveriam falar.

Entrevistadora: Acha que há esse esforço em falar?

Entrevistada 5: Aqui na escola falam e nós também falamos português, em casa não sei. **Eu** não falo espanhol com os pais; estão num país onde se fala o português. Se não falam, deveriam falar. Eu penso que eles percebem. A língua é parecida.

Entrevistadora: Deveriam ter mais apoio ao nível da aprendizagem da língua?

Entrevistada 5: Sim, isso seria o ideal.

Entrevistadora: Recorrem à escola quando têm algum problema, relacionam-se bem?

Entrevistada 5: Sim, mesmo a criança que eu tive há uns anos atrás, os pais percebiam pouco português [...] e é engraçado que esta autista que tenho, o pai é italiano, a mãe é venezuelana e estão em Portugal, quer dizer [...] são três línguas, a criança fica meio [...]. O pai fala italiano, mas já vai percebendo o português, só que quando eu falo com ele, tenho que ter o cuidado de falar mais pausadamente e tentar perceber, mas também têm que se esforçar.

Entrevistadora: Ao nível das TIC, têm na sala?

Entrevistada 5: Sim, para projetar alguma história, normalmente eles têm também como extra a aula TIC.

Entrevistadora: Se precisar ou se fizer uma atividade no âmbito da interculturalidade, acha que as TIC podem ajudar nesse sentido?

Entrevistada 5: Sim, claro, na pesquisa para terem uma noção do que vai no mundo e não se restringirem ao espaço deles e ao mundo deles, terem uma maior abertura. A professora TIC apoia quando é necessário aprofundar algum tema. Eles também têm inglês na sala uma vez por semana e ajuda porque é uma língua diferente.

Entrevistadora: Quando teve essa criança inglesa, havia o docente de inglês que ajudava?

Entrevistada 5: Na altura, não havia extras, era jardim-de-infância. As [atividades] extras é mais numa escola de 1º Ciclo. Eu também sei algum inglês, mas pouco e desenrasquei-me. Deveria haver mais apoio das línguas estrangeiras para ajudar a comunicar com essas crianças.

Entrevistadora: Obrigada por tudo. Até a próxima!

ENTREVISTA 6

Dia 14-6-2018, 18h

(5 minutos)

EB1/PE Lombo dos Canhas

Ed. "Tânia"

41 anos

Licenciatura

16 anos de serviço

Na formação contínua

Cargo no sindicato

Entrevistadora: O seu grupo é heterogéneo?

Entrevistada 6: Sim.

Entrevistadora: A que nível?

Entrevistada 6: Ao nível de idades, de conhecimento e de maturidade. E tenho três crianças venezuelanas.

Entrevistadora: A adaptação foi boa?

Entrevistada 6: Uma das crianças, a família esforça-se e as outras duas têm três anos. Uma [criança] veio há pouco tempo, ela vem na carrinha, logo no primeiro dia ficou o dia todo e a mãe nem apareceu na escola. A menina chorava muito, pedimos para a mãe vir à escola e explicamos que ela é pequena e que se está a adaptar a tudo, mas é raro ela vir à escola, acho que veio três vezes, se tanto [...].

Entrevistadora: E os colegas aceitaram-nos bem?

Entrevistada 6: Sim, aceitaram.

Entrevistadora: Quais as maiores dificuldades sentidas?

Entrevistada 6: Ao nível da adaptação, da linguagem, da compreensão, da alimentação e dos hábitos. No comportamento, a criança de três anos, como não era compreendida nem percebia o que lhe diziam, batia muito os colegas. Na alimentação comem muito arepas e não tanto pão. Têm realidades diferentes [...].

Entrevistadora: Planificam mensalmente?

Entrevistada 6: Sim, sim [...].

Entrevistadora: Pode dar exemplos de estratégias utilizadas para facilitar a sua adaptação?

Entrevistada 6: Tentamos falar mais com eles, exploramos canções e histórias, os direitos humanos. Têm como extra o inglês que também ajuda.

Entrevistadora: E ao nível das TIC? Recorrem às TIC?

Entrevistada 6: Não temos apoio TIC nem temos computador na sala.

Entrevistadora: Que atividades promove no âmbito da interculturalidade recorrendo às TIC?

Entrevistada 6: Pesquisa no nosso computador pessoal, e por vezes, vamos à sala TIC.

Entrevistadora: Existe ligação com as famílias através das TIC?

Entrevistada 6: Não, os recados são passados via oral ou via papel.

Entrevistadora: Quando as famílias dessas crianças têm algum problema recorrem à escola, há uma boa relação?

Entrevistada 6: Sim, relacionam-se bem e recorrem a escola quando têm problemas.

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas costumam participar nas atividades da escola?

Entrevistada 6: Sim, normalmente vêm.

Entrevistadora: Acha que essas famílias incentivam os educandos a falar o português?

Entrevistada 6: Essa criança de 3 anos, a mãe é espanhola e o pai é português e a mãe baralha a criança porque só fala com ela em espanhol.

Entrevistadora: Acha que deveria haver apoio ao nível da língua?

Entrevistada 6: Tem apoio no recorrente e a mãe vem aprender, mas na prática parece que também não se esforça muito [...].

Entrevistadora: Obrigada pela atenção e disponibilidade [...].

ENTREVISTA 7

Dia 22-6-2018, 18h

(6:10 minutos)

EB1/PE Ribeira Brava

Ed. "Fernanda"

46 anos

Licenciatura

21 anos de serviço

Na formação contínua

Nenhum cargo

Entrevistadora: Tem diversidade na sala?

Entrevistada 7: Diversidade, temos sempre. As que vêm de fora, temos todo o género de família. Tenho vinte e uma crianças de 5/6 anos, sendo que duas vieram de outro país. Aqui somos uma escola de passagem, temos crianças da fusão das escolas, e temos de outro concelho, para quem trabalha no Funchal, deixa as crianças aqui. É uma sede, é uma escola de passagem. Este é um grupo heterogéneo no meio, na estrutura familiar e no desenvolvimento.

Entrevistadora: A adaptação foi boa? Quais as maiores dificuldades sentidas?

Entrevistada 7: Na integração, no domínio do português. Uma criança adaptou-se bem, outra não porque os pais não falam o português com ele em casa.

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada 7: Temos uma planificação matriz na sala com temas a abordar e planificações específicas para os grupos que [...] e tendo em conta as suas capacidades. A linguagem quase nunca atrapalha, porque na concretização conseguem fazer.

Entrevistadora: Promovem atividades de caráter intercultural?

Entrevistada 7: Promovemos atividades interculturais durante o ano todo. Por exemplo, falando das crianças de etnia cigana, no caso de crianças de outra religião, uma mãe a falar da sua religião. Aqui a maioria é católico praticante e havia uma criança não praticante que pediu aos pais para ser batizada e queria ir à catequese e vai ser batizada em agosto, porque via os amigos a falar e agora quer ir à catequese [...].

Entrevistadora: Acha que o tema da interculturalidade está a ser trabalhado na região?

Entrevistada 7: Acho que a interculturalidade está a ser cada vez mais trabalhada. Mesmo nas formações, acho que na Madeira, estão cada vez mais abertos a esta temática [...].

Entrevistadora: Quanto às TIC, têm aula?

Entrevistada 7: Não temos aula TIC, por indisponibilidade de horário do docente TIC, nem biblioteca. Só inglês, meia hora. Os educadores é que fomentam as TIC na sala. Perdemos muito em não ter computadores na sala num mundo digital com crianças digitais, deveríamos ter, não só para jogar, mas dá para muita coisa, para pesquisar e termos acesso à net [...].

Entrevistadora: E na relação com as famílias recorrem às TIC?

Entrevistada 7: Não, não recorremos às TIC. Tinha um blogue, mas já não tem e tem uma página, mas é muito difícil entrar na página, e não está atualizada.

Entrevistadora: As famílias das crianças estrangeiras relacionam-se bem com a escola?

Entrevistada 7: Sim, relacionam-se bem, são pessoas abertas.

Entrevistadora: Essas famílias costumam participar nas atividades da escola?

Entrevistada 7: Sim, costumam.

Entrevistadora: Essas famílias incentivam o seu educando a falar o português?

Entrevistada 7: Não, geralmente não foram quebrados os laços com a outra língua, são famílias desestruturadas. Já tive crianças da França e da Inglaterra e adaptaram-se facilmente, rapidamente. A maior dificuldade é a compreensão com os adultos. As crianças arranjam estratégias para comunicar umas com as outras e aprendem rápido.

Entrevistadora: Obrigada pela disponibilidade.

ENTREVISTA 8

Dia 27-6-2018, 10h

(36:36 minutos)

EB1/PE Ribeiro Domingos Dias

Coordenador Projeto Rede UNESCO/Professor Música “João”

37 anos

Licenciatura Expressão Musical/ Pós-Graduação Educação Expressiva

15 anos de serviço

Formação “Jovens contra o racismo” em Helsínquia e “Arte como linguagem comum” na Palestina

Cargos: Professor de música/ Diretor de turma/delegado sindical

Entrevistadora: O que acha que é diversidade?

Entrevistado 8: Naquele vídeo que lhe enviei (https://www.youtube.com/watch?v=FRvVFW851cU&list=PLfw3_vlx_A3eCJGdIClW5q16Qx5Wb_qbDN) de um Centro de investigação, onde mostram experiências com bebés a partir dos três meses, onde eles mostravam que essas crianças tinham jogos de fantoches e tinham dois coelhos e têm um gato que está a tentar abrir uma caixa, depois vem um coelho que tem uma camisola de uma cor, outro totalmente igual só que tem a camisola de outra cor, impede-o de abrir a caixa e o outro ajuda, eles perguntam às crianças, qual é o que tu queres e a maioria gosta do que ajuda, o que faz bem. E depois, as mesmas crianças com três meses não podem tocar, mas mostravam que estavam cinco segundos para aquele que fez mal e depois estavam trinta e cinco segundos a olhar para aquele que fez bem, conseguem tocar, mas genuinamente, querem o bem. Depois, o ponto que interessa aqui, era que quando eles têm que escolher os cereais que tu gostas, a criança escolhe um e agora o fantoche quer uns iguais aos que a criança escolheu e vem outro que quer diferente dos teus. Qual é o que escolhe? O que quer igual. Voltemos ao jogo de ajudar o gato, este fantoche que é o que tu gostas está a tentar abrir a caixa, então vais gostar de quem ajuda ou de quem perde? Gosta do que ajuda e do que quer os cereais que tu gostas. Agora, voltemos ali ao fantoche que não gosta dos teus cereais, quer que seja punido ou ajudado? Punido. Era aqui que eu queria chegar [...]. A origem da diversidade, aqueles que pensam como nós, que gostam do que nós gostamos, aquele que nós dizemos que são como nós, nós sentimos afinidade. E aqueles que querem diferente, porque gostam de coisas diferentes, cereais diferentes, queremos que seja punido! Bebés! Ou seja, existe uma raiz inata, genética que nós construímos ao longo do que transmitimos, que temos receio da diferença, dos que são diferentes de nós, dos que pensam diferente de nós, dos que querem algo diferente de nós, nós rejeitamos e queremos que seja punido. O nome do vídeo é: «Os bebés ajudam a descobrir a origem da moral». Eu também tive alguma formação...eu tive já a tirar: «Jovens contra o racismo», com uma associação africana e europeia, em Helsínquia, na Finlândia, já aqui há alguns anos atrás [...], e então uma das coisas que me ajuda a perceber muito algumas das ideias que passaram lá foi a rejeição de tudo o que são verdades absolutas.

Portanto, existem eles e nós, não existem eles e nós, são todos iguais, temos todos pareças, todos diferenças. O tema da diversidade, nós temos geneticamente esta tendência, depois vamos aceitando, aceitando, aceitando [...]. E em alturas de dificuldades financeiras de más conjunturas políticas, de *stress*, pode voltar esta tendência. O que está a acontecer nos EUA? Com o regresso de grupo pró-nazis, etc., o presidente a dizer que existe gente boa nos dois lados, não pode existir gente boa se existe alguma que pensa que o outro é menor, mas isto não é só raça, chega ao ponto de cereais, está a perceber? Por isso a igualdade de género não existe, hoje os homens estão ainda [...], houve um estudo sobre as crianças que tinham que desenhar um líder, a maior parte das crianças desenhou um homem, os homens é que sabem mandar. Tem que ser com educação e tem que ser camadas atrás de camadas, temos que estar sempre vigilantes. Nós tentamos através das crianças mudar mentes, mas os pais que são modelos também já têm essas crenças enraizadas, mas com a maturidade, eles acabam por mudar, outras por cabeçadas ao longo da vida, ou por formação ou porque vão para outros grupos. Todos nós estamos sujeitos a ter que sair e sermos uma minoria em qualquer situação, como à procura de trabalho, estudo, etc., estamos todos sujeitos a gostar de outro tipo de cereais e não perceber porque é que o resto de todas as outras pessoas gosta de outra coisa...

Entrevistadora: Sim, sim, então, acha que a sua escola fomenta a interculturalidade?

Entrevistado 8: Se fomenta a interculturalidade? O tema é a florado, mas não é aprofundado. Há várias razões pelas quais isso acontece, mas se você falar com todos os professores, todos andam sempre a correr atrás do tempo para dar o programa. Estou aqui há dez anos e é sempre a mesma coisa, falta de tempo [...], não houve um ano ao longo da minha carreira em que eu ouvisse algum colega a dizer: olhe cheguei ao final do ano e dei tudo o que tinha para dar, olhe até tive tempo para dar mais, nunca acontece isso e cada vez mais nós vemos é que sempre surge um assunto novo, nós dizemos isto tem que partir da escola, mas o tempo não é elástico, eles estão o mesmo tempo na escola, como é que nós conseguimos abordar tudo? Ao ritmo que o conhecimento é gerado, daqui há uns anos, é impossível o conhecimento ser transmitido na escola, temos que cortar nas coisas que são superficiais. Dar o essencial, o que é necessário para a formação das pessoas, porque nós a floramos esse tema, mas o tema surge, mas também nos falta alguma formação, enquanto docentes falta-nos alguma formação nesta sociedade diversa, somos maioritariamente caucasianos, quase todos iguais, essa ideia de fomentar o diferente não existe. Ainda vão fazendo algumas coisas. O ano passado ou há dois anos, houve um intercâmbio aqui com uma associação romena, que é comunidade muito marginalizada em Portugal, e tivemos esse intercâmbio e tivemos cá a embaixadora da Roménia, os miúdos cantaram uma canção, aprendemos uma canção em romeno, eles cantaram a canção, mas isto é muito mais a florar do que pôr-se na pele do outro, a calçar os seus sapatos e andar uns quantos quilómetros e perceber que eh, pá [...], eles sentem-se um bocadinho de lado, a florar é melhor que nada, mas é só a florado...

Entrevistadora: Têm crianças assim de diferentes culturas? Aqui na escola?

Entrevistado 8: Umas venezuelanas, mas é só, há sempre algumas que aparecem, mas são uma minoria...

Entrevistadora: O que é que levou a escola a participar neste projeto da REDE UNESCO?

Entrevistado 8: Eu já tinha conhecimento do sistema de escolas associadas quando estive no continente. Vim há uns dez anos atrás e nesse ano era o último ano da direção anterior, eu já tinha uma ideia, no ano seguinte elegemos a nova direção e durante esse primeiro ano, entre algumas das coisas, mudamos algumas coisas, criamos o símbolo, o logotipo, uma bandeira, um hino, foram os vinte e cinco anos da escola, também quisemos criar uma coisa específica para isso, um logotipo de vinte e cinco anos e uma das coisas era falar de desenvolvimento sustentável, uma das coisas que já se falava em 2009 creio eu e então nós fizemos um projeto no âmbito do desenvolvimento sustentável. Existia a floresta Laurissilva, património mundial da UNESCO e então vamos fazer uns quantos projetos, vamos levar as crianças a conhecer a flora e fauna da ilha e pronto, focámo-nos no desenvolvimento sustentável, era um dos assuntos que gostávamos de trabalhar com as crianças e então concorreremos durante um ano e fomos aprovados em 2010 e depois de 2010 m diante, nós tomamos conhecimento, porque já éramos escola UNESCO, fomos tomando conhecimento anualmente de mensagens da diretora ou projetos de outras escolas e depois começou a diversificar as coisas que poderiam acontecer. Em relação à cultura neste projeto UNESCO, fizemos duas ou três coisas, já fizemos uns poemas, audiopoemas, enviamos para a ACAP, que é uma associação dos cegos de Portugal, então gravámos poemas para que crianças pudessem ouvir, também fizemos, há crianças surdas e havia uma escola castelhana em que nós escolheríamos um poema e nós faríamos em linguagem gestual, filmávamos e partilhávamos. Nós fizemos também isso este ano com um poema japonês com determinadas características com três versos, mas onde tinham que refletir, não me lembro bem [...] capte o momento e fale só sobre a natureza, no fundo também uma forma de aprendermos qualquer coisa sobre a cultura japonesa.

Entrevistadora: Quais são os requisitos para poder concorrer?

Entrevistado 8: É um processo. Temos que enviar o projeto escrito em inglês ou francês, onde nós dizemos porque queremos concorrer e explicamos qual é o projeto e mostramos que é um projeto que nós sabemos avaliá-lo, temos que aferir se eles aprendem, se eles não aprendem. Acho que é uma forma de mostrarmos ao mundo que isto tem fundamento e não andamos aqui só à caça do logotipo da UNESCO.

Entrevistadora: Acha que é muito exigente estar e continuar no projeto?

Entrevistado 8: Não é difícil, acho que é mais no início [...], estar focados no que é necessário fazer, depois de ser aprovado, tem que fazer um relatório anual do que nós implementamos e se conseguimos implementar o que tínhamos dito que íamos fazer e depois daí para a frente, fomos tendo acesso aquela informação e dissemos [...] ok [...] aquilo que nós dizemos é interessante, mas isto aqui é muito mais atual, vamos fazer isto aqui. Anualmente, não temos obrigatoriedade de ficar sempre agarrados ao tema e também vão surgindo outros temas. Nós fizemos um este ano sobre a UNESCO, o desporto e os jovens que o protocolo foi com um clube que foi a Juventus, onde nós tínhamos que tirar uma foto que celebrasse a inclusão, portanto o desporto une diferentes pessoas e é uma coisa congregadora e então tínhamos que tirar uma foto onde celebrássemos essa união entre os jovens. Expliquei-lhes as regras, o que tínhamos

que dizer, uns começaram a falar em *fairplay*, em respeitar o outro e depois tirar uma foto em que um deles tinha marcado um golo ou não sei [...] e estão elementos das diferentes equipas estão a atirá-lo ao ar, estavam todos a celebrar o sucesso do outro.

Entrevistadora: Acha que os educadores estão pouco virados para este tema?

Entrevistado 8: Eu vou à pré, mas não tenho competência para dar à pré e regra geral, todos nós precisamos de formação.

Entrevistadora: E na sua atividade, quando vai lá, não tenta abordar músicas de vários povos ou nunca fez isso?

Entrevistado 8: Acho que podemos, às vezes, fazer as coisas com intencionalidade e uma ação conducente, ela até pode vir a ser útil, mas sem intencionalidade e ação conducente, não há troca. Com a pré, não. O ambiente com crianças dos três aos cinco anos tem que ser muito estruturado e previsível. As aulas envolvem que tirem algo da sua imaginação, que mostrem que tenham criatividade, confiança naquilo que estão a fazer, façam pulsação, manter a pulsação e depois disso é que vem sempre uma coisa nova, e membros do corpo, outros temas [...], passar para outras culturas sem passar pelas noções e pelas bases, não. De certeza que há colegas que fazem isso, eu não faço. Pode até algum ano, nalguma festa de Natal ter acontecido à volta do mundo e isso [...], mas é só tangente, é só aflorar.

Entrevistadora: Este projeto envolve crianças ou é só o coordenador que interage através das TIC?

Entrevistado 8: Sim, fazem pesquisas e trabalhos. Potenciar a autonomia e a independência. Por exemplo no poema, posso dar alguns limites, o primeiro verso tem que ter mais palavras, o outro... estou a dar limites, mas depois são vocês que vão criar. Damos limites, mas depois és autónomo. TIC, se eles, no decurso do que estão a fazer, disseram vamos fazer assim, assim [...], vou perguntar como é que vamos saber isso? E eles vão dizer [...], podemos pesquisar, mas olha podes pesquisar tudo? O que vais pesquisar? Nós temos que ser um facilitador, o que é que precisas? A título de exemplo, nós tivemos uma palestra aqui há uns dias [...]. No decurso dessa palestra, veio alguém da Câmara Municipal e numa troca de opiniões, ficou veiculada a ideia que [...] uma Câmara Municipal em Chaves, que havia as águas termais, as águas quentes e que não aproveitavam as águas e podiam aproveitar e então a pessoa em causa [...], as Câmaras não aproveitam nada, desperdiçam e agora volto ao início e como não existem verdades absolutas, as Câmaras [...], não vão ser todas as Câmaras de certeza, então peguei naquele desafio, vi esta ideia lá e fiquei com esta ideia no ar [...], não contrariei. Vocês acham que isto é verdade? Pode ser, mas isto é perigoso, estar a construir na cabeça das crianças a ideia de que quem manda em nós, não sabe mandar, quem gere, não sabe gerir, mas em vez de dizer, como podemos saber se isto é verdade e começaram a surgir ideias: podíamos ligar para lá, e vamos pesquisar e encontramos o *site* da Câmara e os seus contactos e só porque foi no final do ano é que não conseguimos uma videochamada com o presidente da Câmara a dizer, mas criamos um guião e enviamos as perguntas e eles responderam: a nossa água é usada para aquecimento das piscinas e usada para não sei quê [...], tem termas, é claro que não estava certo, mas mais do que eles saberem se estava certo ou não é ver o mundo onde nós temos

cada vez mais informação e aquela informação completamente falsa. Têm que questionar a informação. Pena ser feito com o quarto ano, porque se fosse feito com o terceiro ano, para o ano em vez de eu dizer que isto está certo ou aquilo está errado, bastava eu dizer: bom, é preciso fazer uma videoconferência? E todos eles instantaneamente iam perceber, eh, pá, espera lá [...], se calhar isto não é verdade [...]. Olhe eu quero saber se isto é verdade ou não e eles iam logo instantaneamente dizer: vamos pesquisar isto, e isso é que é muito importante, em vez de: olha, está ali uma pessoa adulta que sabe o que é verdade e o que é mentira e ela sabe, não [...], temos que ir à procura do conhecimento. É como o presidente dos Estados Unidos mente, mente, diz coisas que não são verdade e muitos dizem coisas que são completamente rigorosas e não criar juízos de valor. Usar as TIC no fundo, usá-las para a procura do conhecimento.

Entrevistadora: E intercâmbio, já fizeram?

Entrevistado 8: Intercâmbio, fizemos. Usamos as TIC, porque escolheram um tema: bons amigos não sei quê [...], e eles aprenderam língua gestual, depois filmamos e partilhamos com outra escola. Para além disso, nós usamos língua gestual em que a pessoa responsável que queria fazer intercâmbio com outra escola, filmou-se a si próprio a fazer os gestos e depois nós aprendemos recursos TIC quando gravamos o poema e basicamente é quase sempre isto.

Entrevistadora: E quais as maiores dificuldades que sente no projeto? Ao pô-lo em prática?

Entrevistado 8: A principal dificuldade é que tenho uma hora semanal para isto, o que já é bom, mas essa hora semanal é com crianças. Houve outros anos em que eu tinha essa hora semanal e depois nas minhas aulas de enriquecimento, de clube podia dizer assim, hoje para esta aula temos isto aqui e eu ia podendo fazer isso depois, ou seja, aquela hora semanal, às vezes só para dissecar um texto que vem porque vão celebrar algo ou querem propor uma reflexão sobre o aproveitamento da água e trazem um texto sobre algo que aconteceu em Itália quando houve o terramoto e vai haver uma partilha, ter que dissecar e perceber o que é para fazer e qual o objetivo, porque nós vamos participar num concurso só para dizer olhe: é para tirar uma foto. A foto é o mínimo, é a coisa menos importante se nós não conseguirmos enviar a foto e conseguirmos fazer todo o resto, eu fico satisfeito, se só conseguirmos tirar a foto e não fizermos o resto eu fico insatisfeito, porque não contribui para isso. Qual é o objetivo, o objetivo é descobrir como é que o futebol pode unir e congregar, esse é que é o objetivo e ver o que contribui para isso e quanto tempo mais perdermos nisso, estamos a cumprir com o objetivo e depois se conseguirmos tirar a foto, fixe, se conseguirmos enviar no prazo, porreiro, se não conseguirmos, esse é o menor, que isso é que é interessante, é vocês dialogarem sobre esta situação aqui.

Entrevistadora: O tema é proposto por eles?

Entrevistado 8: Eu recebo muitos *emails* semanalmente, portanto a minha principal dificuldade é, portanto, se estou com eles, não estou a dissecar esta informação e isso faz com que então eu tenho que fazer isso em casa, mas ao fazer isso em casa, não estou a fazer outras coisas que são obrigatórias. Nós temos que trabalhar seis horas em casa, se eu perder duas ou três horas nisto, fica pouco tempo para o resto. Não é sustentável para mim dizer, olhe, eu estou a

conseguir fazer tudo, mas em vez de trabalhar seis horas em casa, estou a trabalhar sessenta, isto é insustentável e não posso aceitar isto, vai fazer feridas na minha vida pessoal, profissional, familiar, por isso, como tenho crianças naquele momento e tenho que planificar o que vou fazer naquele momento, já estou a perder tempo com a) o que vou fazer naquela hora e b) depois tenho que estudar aquela informação. Se eu tivesse aquela hora só para planificar, e pesquisar e depois nas minhas aulas [...], já fizemos isso, mas também é difícil justificar a uma secretaria, dizer assim ok, não tenham miúdos durante uma hora, como assim? [...] Se calhar estão a tocar guitarra, pode abrir espaço a que isso aconteça. Já fizemos isso, este ano vou voltar a propor ao diretor, porque nas competências dele, ele pode fazer isso, é uma questão de confiança. O maior problema é o tempo.

Entrevistadora: Tem mais docentes envolvidos?

Entrevistado 8: No projeto não, mas eles colaboram, se for pedir...

Entrevistadora: Este projeto já chegou a envolver as famílias das crianças?

Entrevistado 8: Se envolveu, não é significativo. Já envolveu, no caso em termos logísticos, olhe vamos cantar em romeno no jardim municipal no domingo; vocês têm de lá ir vestidos assim, e ir lá ter às três horas da tarde, a família esteve envolvida, mas não é significativo. Se calhar também tivemos um projeto durante dois anos criado por nós que era o meu local de estudo, o sítio onde nós estudamos e a maneira como nós trabalhamos tem influência na nossa produtividade, nós vemos muita gente, se o ecrã está levantado, se tem luz ou não, a cadeira, as crianças, muitas delas, estão de joelhos em cima do sofá e está a dar cabo das costas, se têm a televisão ligada, a música não é muito consensual, mas a televisão [...], não há nenhum estudo que diga que ajuda no estudo, mas a luz, sim, ter uma planta, sim, ser com a luz do dia ou artificial, sim, se luz direta ou indireta e depois tiveram que mostrar o sítio lá em casa onde eles habitualmente estudavam, depois vamos fazer uma recolha e desenhar e depois o final do projeto seria passar para um projeto a 3D, mas chegar aquela parte, não era importante, o anterior é que foi. Nesse aspeto, envolveu a casa, depois eles tiveram, eles mediram a casa em passos, eles estiveram a ver o sítio e a desenhar o sítio e fizeram o esquema do sítio, visto de cima.

Entrevistadora: Então, acha que no pré-escolar, é muito cedo para abordar estas questões?

Entrevistado 8: Como eu estava a dizer inicialmente, a rejeição do que é diferente vem de muito anterior a isso.

Entrevistadora: Acha que os educadores podem facilitar isso?

Entrevistado 8: Se eu dissesse que são só as educadoras se calhar podem vir a ter algum papel nesse aspeto, porque as crianças passam muito tempo na escola, mas a coisa mais importante na pré, são as rotinas dos 3 aos seis anos, um ambiente estruturado previsível com rotinas, o seu desenvolvimento pessoal, a aceitação do outro acredito que possa acontecer uma daquelas atividades, nos jogos nas *flashcards* em que mostramos com o ambiente e com outras culturas, dá para vivenciar outras culturas.

Entrevistadora: É tudo, obrigada pela atenção.

ENTREVISTA 9

Dia 10-7-2018, 9h30m

(11:26 minutos)

EB1/PE Ladeira

Ed. "Filipa"

42 anos

Licenciatura

18 anos de serviço

Sem formação na área

Nenhum cargo

Entrevistadora: O que é para si a diversidade?

Entrevistada 9: É [...] diferentes idades, diferentes culturas, diferentes formas de ser [...].

Entrevistadora: E o que considera ser a diversidade dentro da profissão?

Entrevistada 9: Eu gosto de desafios, portanto para mim, não [...], eu encaro as coisas com naturalidade e arranjo sempre forma de dar a volta, não sou muito preocupada com isso, sou versátil [...].

Entrevistadora: E na sala, tem diversidade cultural?

Entrevistada 9: Há, portanto, três crianças novas, veio uma do Brasil, em novembro, chegou uma da Venezuela e em janeiro, chegou um de Londres, não tinham [...], não falavam português praticamente, o de Londres, a mãe é portuguesa e era mais fácil, mas para falar connosco, não falava nada em português, nada [...] connosco era fácil de entendermos mas a tendência que os miúdos têm é de se fecharem um bocadinho, principalmente estes dois e a venezuelana, tem muita dificuldade, tem medo de errar, ela prefere estar calada. O de Londres mistura já o português com o inglês, mas fala mais [...].

Entrevistadora: Acha que tem vantagens ou desvantagens ter assim um grupo heterogéneo?

Entrevistada 9: Não, considero que seja natural, cada vez mais os miúdos têm situações diferentes na sociedade e cada vez mais a emigração é uma situação que se vê muito e pelo menos o meu grupo, nós fazemos com que eles se respeitem e se entendam e [...] fazer um esforço, é um trabalho de grupo, é uma vantagem até que trazem outras ideias, outras formas de viver[...].

Entrevistadora: E sente-se preparada para esse tipo de desafio?

Entrevistada 9: Olhe, vou-me preparando, vou pesquisando, vou vendo formas de [...], por exemplo, dentro das festividades, tentar descobrir o que... que lá nos sítios deles o que é que eles festejam, como é que [...] e vou muito à internet por acaso e faço buscas com eles, em grupo [...], procuramos [...], agora vamos ver no país da "Joana" [...], agora vamos ver no país do "Martim" e vendo essas coisas [...].

Entrevistadora: Costuma planificar mensalmente?

Entrevistada 9: Sim, planificamos mensalmente.

Entrevistadora: Como planifica?

Entrevistada 9: Com a colega e por vezes, tendo em conta algumas sugestões das crianças.

Entrevistadora: E acha que planificam tendo em conta essas crianças ou [...]?

Entrevistada 9: Não, planificamos tendo em conta o todo, depois adaptamos no dia-a-dia conforme as necessidades que [...] até porque se eles vêm para o nosso país, supostamente vão entrar na nossa cultura de alguma forma. O que nós fazemos é dar uma achega da cultura deles, o que é que eles faziam, para respeitar isso, mas não faço diferente por ser por eles, vou buscar, vou exemplificar, vou mostrar como é que era, mas não mudo.

Entrevistadora: Costuma implementar atividades de caráter intercultural?

Entrevistada 9: Sim, dentro disto, nas pesquisas e isso, não faço coisas específicas ou que na Venezuela é assim, mas introduzo sempre e vou buscar sempre forma de eles irem percebendo, e ver e eles ficam sempre muito contentes, eles ficam bastante felizes quando vamos falar ou então quando peço, principalmente ao “Martim”, quando peço para ele explicar como eles fazem e foi o ano que eu mais usei a internet dessa forma, porque foi o ano que eu senti mais necessidade, porque não há bibliografias e não há nada disso e realmente a internet nisso [...] ajuda bastante e foi a forma que eu arranjei para ajudar.

Entrevistadora: As outras crianças aceitaram bem, adaptaram-se bem?

Entrevistada 9: Sim, tiveram alguma reação à criança que veio da Venezuela, também pela personalidade dela, que tem uma personalidade que ela própria também afasta, o que não facilita, mas depois fomos sempre trabalhando com isto e interação, mas tem a ver com a personalidade dela e não pelo facto, ela podia ser portuguesa que era igual, é dela mesmo [...].

Entrevistadora: E quais foram essas dificuldades?

Entrevistada 9: A língua, e houve um grupinho de meninas, as líderes da sala que tiveram alguma reação de afastamento da menina da Venezuela, falando que ela [...], chegaram a dizer que ela tinha cheiro a venezuelana e nós: o que é cheiro a venezuelana? Não há cheiros a venezuelana, não há cheiros a inglesas, os cheiros são das pessoas como outras quaisquer e desmistificamos essa parte, mas criaram essa coisa do cheiro, depois identificamos como equipa o que eles identificavam como cheiro [...], mas penso que era mesmo pela personalidade dela...

Entrevistadora: E na alimentação, não notaram diferença?

Entrevistada 9: Há uma diferença, mas por acaso como ela tem muitas intolerâncias alimentares, ela já [...] mas, por exemplo, ela trazia como complemento da alimentação era arepas e essa parte de explicar à mãe que fritos logo de manhã não é o mais aconselhável, umas mini arepas, mas tentar aproximar à ementa da escola, não dizer que aquilo não é o que se usa mas tentar fazer. É como se tivesse uma criança que tivesse alergia à lactose e trouxesse leite de chocolate, foi por aí que fomos, efetivamente tinha a nível de alimentação mais ela do que ele, notava-se que a nossa comida não tinha [...].

Entrevistadora: Acha que a escola aceitou bem, ajudou na adaptação dessas crianças?

Entrevistada 9: Esta escola aceita muitas crianças de fora em qualquer nível de ensino e a reação da direção, desde o início, é logo de acolhimento, ela nem põe em causa [...].

Entrevistadora: E acha que este tema é trabalhado na Madeira?

Entrevistada 9: Acho que deveria ser mais, porque a realidade assim o exige [...].

Entrevistadora: As crianças também utilizam as TIC?

Entrevistada 9: Elas não utilizam ainda, porque têm três/quatro anos ainda não lhes dou acesso direto na sala, porque nós temos computadores na sala, mas são atividades que, como eu fui começando por ir buscar para determinados assuntos, eles adoram quando eu vou buscar por exemplo [...], falamos do ciclo do mel e fui [...] imagens, fotografias, materiais e eles ficam fixos naquilo [...] gostam muito, engraçado que mesmo quando o computador está na busca, eles ficam quietos à espera do que vai [...]. Sinceramente foi uma experiência engraçada [...]. Eu penso que vai ser um grupo que vai ter interesse.

Entrevistadora: Não têm TIC como Enriquecimento?

Entrevistada 9: Não.

Entrevistadora: Nem nos cinco anos?

Entrevistada 9: Não têm, porque a escola é muito grande e o professor TIC não tem horário. Eu estou aqui há 9 anos e nunca tive TIC, só houve uma colega que chegou a pedir, mas não tinha colaboração da colega, era ela que ia para lá, mas isso [...], eu faço na sala, não tenho necessidade de ir lá para cima.

Entrevistadora: Acha que ao nível da região, os educadores estão a recorrer mais às TIC e estão mais sensibilizados para esta questão da interculturalidade?

Entrevistada 9: Eu penso que, neste momento, estamos obrigados a isso, não tem forma de as pessoas não recorrerem e acho que a única forma das pessoas [...], é estarem abertas, porque se fosse de outra forma, as pessoas queriam ser bem recebidas. Eu penso é que cada vez mais somos forçados a [...]. Agora, espero que as pessoas tenham essa disponibilidade [...], têm que estar preparadas para isso [...].

Entrevistadora: As TIC, recorre a elas para contactar com as famílias ou transmitir recados?

Entrevistada 9: Não, só via papel. Mas já tivemos para criar, no ano passado, éramos para criar um *email* só de turma, mas só que depois tivemos dificuldade, que haviam pais que não tinham acesso, tinha que recorrer a vizinhos e isso e não dava. Mas, ás tantas, este grupo que veio este ano vai ficar dois anos ou três, ás tantas dá pra fazer isso com os pais, dá para fazer.

Entrevistadora: Essas famílias dessas crianças estrangeiras, elas só falam a língua materna com o educando?

Entrevistada 9: O brasileiro entende-se mas o inglês, a mãe fala inglês, mas também fala português com o miúdo, sempre fez assim. Era bilingue, ele percebia tudo o que nós dizíamos, ele não sabia era dizer em português; a da Venezuela, até a mãe tem dificuldade em nos compreender, não fala mesmo português. Aliás, ter que dar um recado, aconteceu dar o recado ao pai, e daí a pouco a mãe ligar: ele não percebeu nada [...], mas também acho que não vou perceber, diga que aqui tentamos explicar, é mais fácil. Nós facilmente entendemos o espanhol e eles não.

Entrevistadora: Então, acha que se essas famílias tivessem apoio ao nível da língua seria bom?

Entrevistada 9: Sim, sim, acho que sim. Mas essas famílias são [...], até têm família portuguesa cá, eu penso que eles também se fecham e não têm essa disponibilidade. Mesmo que tivessem apoio, se calhar não recorreriam [...].

Entrevistadora: Quanto à interação com a escola, eles relacionam-se bem?

Entrevistada 9: Sim, eles gostam, recorrem à escola. Mas por exemplo a mãe do que veio de Inglaterra a primeira coisa que ela fez depois foi se inscrever no curso da Junta de Freguesia e fez o curso de secretariado e portanto, a nível da Venezuela, agente nota, mesmo a falar com colegas [...], que elas têm mais disponibilidade para trabalhar, mas não para se preocupar com a língua, não têm essa preocupação[...].

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 9: Sim, até participam.

Entrevistadora: Muito obrigada, era isto [...], obrigado pelo tempo despendido.

ENTREVISTA 10

Dia 11-7-2018, 11h

(9:58 minutos)

EB1/PE Calheta- Salão

Ed. "Laura"

39 anos

Licenciatura

14 anos de serviço

Na formação contínua

Nenhum cargo

Entrevistadora: O que considera ser a diversidade e a diversidade cultural?

Entrevistada 10: Para mim na sala, há a diversidade, ponto. Não interessa o tipo de diversidade.

Entrevistadora: A que nível?

Entrevistada 10: Quer a idade, quer o desenvolvimento, quer o tipo de famílias, quer o país de origem, quer [...], isso para mim é tudo diversidade. Não ligo muito. Para mim, são todos diferentes [...].

Entrevistadora: Tem ou já teve um grupo heterogéneo?

Entrevistada 10: Sim.

Entrevistadora: Acha mais fácil? Ou é uma mais-valia ter um grupo assim?

Entrevistada 10: Sim, quanto mais variadas as experiências deles, mais eles crescem e aprendem. Não me interessa muito a idade que eles têm. Enriquecem-se uns aos outros de qualquer maneira. Se forem todos iguais, não se enriquecem.

Entrevistadora: Sente-se preparada a ter um grupo assim? Não é mais difícil?

Entrevistada 10: Não me assusta, não acho mais difícil, mas por exemplo, mas essa parte de trabalhar exatamente a interculturalidade e eu sei que devo ter muitas falhas também. Nunca fiz formação nessa área, vou usando a experiência que vou tendo.

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada 10: Sim.

Entrevistadora: E costuma ter em conta essa diversidade da sala?

Entrevistada 10: Sim, porque planifico com eles. Tenho uma parte que tem as minhas intensões e outra que são as intensões deles. Se as minhas lhes interessarem, eles fazem. Se só quiserem as deles, fazemos as deles, planificamos assim.

Entrevistadora: E atividades de caráter intercultural, costuma implementar?

Entrevistada 10: Não, nem sei bem ir por aí. Essa parte, eu não tenho essa formação. Nunca tive formação, mas vou usando a experiência que vou tendo. Por exemplo, tenho uma menina que o pai é do Brasil, viveram no Brasil muito tempo, ela quis falar da turma da Mónica, eu acho que ela ir falar aos amigos o que é a turma da Mónica, apresenta-lo, pediram desenhos da turma da Mónica, trouxemos desenhos, acho que isso é trabalho de interculturalidade, ela teve

que passar aos outros as coisas que ela conhecia de outro país da sua cultura. Isso é um exemplo e é o que vai surgindo e aproveita-se, não é [...].

Entrevistadora: Acha que este tema é trabalhado na região?

Entrevistada 10: Acho que, às vezes, as pessoas acham que é trabalhado, mas muitas vezes acho que não é [...], é abordado de forma muito superficial, deveria ser mais trabalhado, porque acaba por ser interessante para eles, mas haver mais formação também ajudava.

Entrevistadora: Acho que podemos trabalhar este tema mesmo sem ter crianças de diferentes culturas?

Entrevistada 10: Facilita se tivermos, porque chama logo mais o interesse deles.

Entrevistadora: Quais as crianças que tem?

Entrevistada 10: Tenho um que veio do Brasil, um que veio de Jersey, três da Venezuela.

Entrevistadora: E todos falam bem a língua?

Entrevistada 10: Os que vieram da Venezuela têm mais dificuldades. O inglês fala com muito sotaque, mas fala o português, começou depressa a falar. Os outros três misturam muito o espanhol.

Entrevistadora: E os colegas, aceitaram-nos bem?

Entrevistada 10: Sim, muito bem.

Entrevistadora: Que dificuldades é que sentiram?

Entrevistada 10: Na alimentação, sentiram muita. No menino de Jersey não, mas nos meninos da Venezuela, sim. Eu acho que a alimentação não deve ter nada a ver. Para eles, é radical a mudança na alimentação.

Entrevistadora: E No comportamento, sentiu-se diferença?

Entrevistada 10: Não, nunca.

Entrevistadora: Ter essas crianças dificulta o desenrolar das atividades?

Entrevistada 10: Eu acho que não dificulta. Seja quem for que chegue, eu vou ter atenção ao que precisar e à maneira como tenho que falar com eles. Não interessa se é daqui se é dacolá [...].

Entrevistadora: A escola, no Projeto Educativo por exemplo, tem em conta o tema da interculturalidade?

Entrevistada 10: Sim, ao nível dos valores, de uma forma geral.

Entrevistadora: Costuma recorrer às tecnologias?

Entrevistada 10: Não, sou muito má com as tecnologias. Temos computador na sala, eles não têm TIC, só os de cinco anos. Na sala, eles têm acesso livre ao computador.

Entrevistadora: E costuma recorrer às TIC para promover a interculturalidade?

Entrevistada 10: Não me lembro de ter feito isso. Mas, pesquisa sim, fomos ao computador para ver isso da Mónica, mas não uso muito.

Entrevistadora: Mas, para haver ligação com as famílias, costuma recorrer às TIC?

Entrevistada 10: Não, é papel e boca.

Entrevistadora: As famílias dessas crianças costumam falar bem o português com os filhos?

Entrevistada 10: Não. Falam mais a língua materna. As famílias não se esforçam por falar o português. Acho que nem pensam muito nisso e depois também têm aquela coisa de não querer perder a língua materna.

Entrevistadora: Acha que seria importante eles terem apoio ao nível da língua?

Entrevistada 10: Os pais, era importante, facilitava, agora as crianças, não...elas vão aprendendo, os da pré, os mais velhos não sei.

Entrevistadora: Essas famílias relacionam-se bem com o pessoal da escola? Com os educadores?

Entrevistada 10: Sim, sim.

Entrevistadora: Recorrem à escola quando têm algum problema?

Entrevistada 10: Nunca me aconteceu assim nada de especial. São as dúvidas da sala normais. Felizmente a adaptação foi sempre boa.

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 10: Sim, até costumam participar [...].

Entrevistadora: Ao longo da sua experiência este ano foi o ano que teve mais estrangeiros e de diferentes culturas?

Entrevistada 10: Foi, foi sim. Começamos com treze e acabamos com dezassete. Foram chegando. A nível da adaptação pronto, foi janeiro, fevereiro e maio, mas o grupo felizmente está preparado para lidar com as diferenças e aceitaram bem.

Entrevistadora: Pronto, é isso. Agradeço a atenção.

ENTREVISTA 11

Dia 16-7-2018, 11h

(5h30 minutos)

EB1/PE Lombada

Ed. "Felisbela"

43 anos

Bacharelato

21 anos de serviço

Na formação contínua

Nenhum cargo

Entrevistadora: O que considera ser diversidade para si?

Entrevistada 11: Diversidade é [...] tudo o que temos na sala. As crianças são diferentes na sua idade, no seu desenvolvimento, por vezes, na sua religião, na sua língua, na sua cultura [...].

Entrevistadora: Considera então que tem um grupo heterogéneo?

Entrevistada 11: Os grupos são sempre heterogéneos e este tem crianças bem diferentes entre si [...].

Entrevistadora: Tem crianças estrangeiras e de outras culturas na sala?

Entrevistada 11: Este ano tenho, uma venezuelana e uma que veio da Inglaterra.

Entrevistadora: Tem vantagens ter crianças estrangeiras e de outras culturas na sala ou não?

Entrevistada 11: É assim [...], na realidade dá um pouco mais de trabalho, principalmente quando não conseguem compreender o que lhe estamos a dizer, mas... permite maior troca.

Entrevistadora: Sente-se preparada para trabalhar com essas crianças?

Entrevistada 11: Sim. Domino bem algumas línguas e vou-me desenrascando [...]. Com o projeto tenho aprendido muito [...], nos intercâmbios e nas formações.

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada 11: Sim, como sou sozinha, por vezes tenho em conta as sugestões das crianças.

Entrevistadora: Acha importante planificar tendo em conta estas crianças ou planifica igual e depois adapta?

Entrevistada 11: Planifico igual, depois vou adaptando.

Entrevistadora: Implementa atividades de carácter intercultural?

Entrevistada 11: Sim, ao nível de regras, aceitação do Outro, respeito, todos os dias e em relação a temáticas acerca dos diferentes países que existem, das culturas, entre outras ao longo do ano em momentos pontuais.

Entrevistadora: Acha que este tema é pouco trabalhado nas salas de pré-escolar?

Entrevistada 11: Penso que tem que ser cada vez mais, e o projeto eTwinning ajuda nesse sentido.

Entrevistadora: As outras crianças aceitam bem essas crianças estrangeiras?

Entrevistada 11: Sim, muito bem, e como estamos sempre a conhecer outras crianças, eles querem saber mais e fazem-lhes sempre muitas perguntas.

Entrevistadora: Que dificuldades sentiram ou sentem ao chegar cá?

Entrevistada 11: Mais ao nível da alimentação e da linguagem, quando não dominam nada da língua portuguesa.

Entrevistadora: Como acha que a sua escola ajuda a integração e a adaptação dessas crianças?

Entrevistada 11: Através do próprio projeto, e no dia-a-dia, existe vontade de todos os docentes colaborarem.

Entrevistadora: Em relação às TIC, utiliza as TIC no seu dia-a-dia?

Entrevistada 11: Sim, tenho a sala multimédia, aqui ao lado, à qual recorremos frequentemente que dispõe de um grande ecrã, acesso à internet, robots, tudo prémios conseguidos através do projeto.

Entrevistadora: E, além disso as crianças têm aula TIC com o apoio de outro docente?

Entrevistada 11: Sim, têm uma hora semanal.

Entrevistadora: Recorre às TIC para promover a interculturalidade?

Entrevistada 11: Sim, fazemos pesquisas, exploração de imagens, visualização de histórias, de filmes, vemos apresentações, comunicamos com outras crianças na webcam, enfim [...] recorremos muito às TIC, são fundamentais nesta temática, acho eu.

Entrevistadora: Acha que os educadores da região recorrem às TIC?

Entrevistada 11: Não sei, pelo o que sei, a maioria das minhas colegas recorre, mas não posso falar por todos.

Entrevistadora: Acha que as TIC promovem a ligação escola-família?

Entrevistada 11: Sim, contribuem e facilitam essa comunicação, sem dúvida.

Entrevistadora: Recorre às TIC para comunicar com as famílias?

Entrevistada 11: Sim, tem uma página da escola onde se comunica recados e reuniões e se partilha alguns trabalhos.

Entrevistadora: Acha que as famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 11: Sim, costumam participar

Entrevistadora: Acha que as famílias estrangeiras só falam a língua materna com o educando?

Entrevistada 11: Depende [...], no caso destas crianças, tanto uma como outra, os pais falam apenas a língua materna, mas pode haver outras que se esforçam por falar o português, não sei [...].

Entrevistadora: Deveriam ter apoio ao nível da aprendizagem da língua portuguesa?

Entrevistada 11: Sim, poderia ser uma ajuda ter apoio ao nível da aprendizagem da língua portuguesa, mas também depende. É preciso que eles queiram aprender [...].

Entrevistadora: Há abertura dessas famílias com o pessoal da escola?

Entrevistada 11: Sim, existe alguma abertura. Quando precisam, tentam fazer-se entender.

Entrevistadora: Mais concretamente agora em relação ao projeto, em que consiste o projeto eTwinning?

Entrevistada 11: O projeto eTwinning é interessante, porque não somos obrigados a fazer nada fora do âmbito do que vamos fazendo. Há tarefas e vamos fazendo com as crianças dentro do que estamos habituados a fazer. Trabalhávamos com as crianças e fazíamos trabalhos que era para depois levarmos e apresentar lá nas reuniões de trabalho. Depois lá, tivemos oportunidade de ir a alguns (a dois) na Bulgária, e essa parte é muito enriquecedora, isso foi muito proveitoso nesse sentido, porque temos outra possibilidade de conhecer outras práticas pedagógicas, outra organização, outros recursos educativos e isso é importante. Então, elas desenvolveram lá nas salas uma pequena atividade onde nós assistimos e depois o mesmo acontecerá aqui, quando vierem cá. A mobilidade é assim. Mas é só educadores, não tem crianças. Portanto, a última que eu fui [...], aliás eu fui apenas a uma, a coordenadora disse que tinha que fazer o que tinham combinado, quais eram as atividades que tinham sido combinadas, o que é que se pretendia, depois aqui, eu desenvolvi com as nossas crianças, não é [...], tiramos fotografias, levamos algum material e tal e depois lá apresentamos. Quando eu fui, também fizemos uma reunião (que há sempre reuniões) para combinar o que seria feito na outra mobilidade, na mobilidade que se seguia à minha, essa eu não pude ir. Foi a professora TIC e o nosso secretário, no meu lugar, porque eram três e são três adultos e então hum [...] e foi [...], o processo é sempre o mesmo, eles diziam o que pretendiam, pretendiam que nós desenvolvêssemos com as nossas crianças uma atividade da primavera com recurso a certos instrumentos que elas deram, deram algumas sugestões, depois seria apresentado lá e posteriormente feito um livro, a intenção é fazer um livro com algumas práticas pedagógicas [...], a que eles achassem mais completas e que estavam mais elaboradas ou que lhe fizessem mais sentido. Não envolveu diretamente crianças. O que nós fizemos aqui foi trabalhar quais eram os países que eram parceiros, expliquei às crianças, também para eles é importante eles saberem que existem outras realidades [...], outras culturas [...], não aprofundamos as culturas, não, isso não, não era esse o objetivo, mas mostramos onde é que ficavam situados na Europa, que existem [...], para eles terem a noção que existem culturas diferentes da deles e outros países e foi essencialmente isso e [...] eles sabiam que estávamos a fazer um trabalho que era para outros meninos verem e tal [...], outros professores verem, porque também quando havia mobilidades, o pré-escolar é só este, mas temos outras mobilidades e temos outros professores cá; ficavam cá um bocadinho, interagiam com eles, portanto eles estão familiarizados com outras línguas... Há dois anos, quando nós desenvolvemos aqueles projetos, foi no ano em que a coordenadora tinha uma hora com a pré e estávamos a desenvolver mesmo projetos eTwinning. É importante porque possibilitou a utilização de novas ferramentas TIC. Há dois anos, houve hipótese na *webcam* [...], pudemos comunicar diretamente [...] com coisas simples, tipo: *hello, wo are you*, etc. Erasmus foi parceria, mas sem crianças, apenas *teacher to teacher*. Acho que foi mais ou menos isso, mas a coordenadora poderá explicar mais em pormenor. Ela está a chegar [...].

Entrevistadora: Obrigada pela atenção.

ENTREVISTA 12

Dia 16-7-2018, 12h

(37,22 minutos)

EB1/PE Lombada

Coordenadora Regional projeto eTwinning/ Prof.ª 1º Ciclo/ “Gabriela”

50 anos

Bacharelato

30 anos de serviço

Muita formação contínua

Coordenadora Regional projeto eTwinning/ Prof.ª 1º Ciclo

Entrevistadora: Quando começou a aventura do eTwinning?

Entrevistada 12: Foi em 2015-16, o ano em que fiquei com vinte horas na DRE e fiquei cinco horas na escola. Vinha à sexta-feira de manhã e estavam as turmas todas, aquilo era uma luta ali uma horas com cada turma, mas fizemos um bom trabalho e ganhamos uns poucos prémios nesse ano. No ano a seguir, não foi permitido, porque disseram tudo ou meio. Mas meio, eu ia acabar por trabalhar montes na escola e montes na DRE e eu disse que não, então fiquei lá a tempo inteiro, quase que eu ficava prejudicada com os meus anos de serviço, por causa de tirar a dispensa da componente letiva. Este ano, pedi este ano para acabar [...] o fim de projetos Erasmus e quero continuar a parte mais técnica. Desisti de um curso de licenciatura, porque sou bacharel e quero pedir a reavaliação da minha formação dada e recebida para fazer equivalência à licenciatura.

Entrevistadora: Quais os requisitos para a escola participar no projeto?

Entrevistada 12: Para participar num projeto *eTwinning*, basta se inscrever. Os professores que querem fazer um projeto *eTwinning*, têm que se registar na plataforma. A plataforma é dirigida a todos aqueles que têm uma escola associada. Podem ser professores, educadores, psicólogos escolares, técnicos de biblioteca, diretores de escola, [euh...], tudo quem esteja associado a uma escola. Por exemplo, o conservatório de Artes já está inscrito, a escola Francisco Fernandes, também é profissional e agora, não sei, mas julgo que deve estar agora aberto a todos. Andam a fazer uma experiência nova desde o ano passado com a Universidade Nova de Lisboa. Portanto isto, está aberto agora também às universidades porque é assim, estes projetos permitem fazer projetos só a nível nacional ou a nível europeu. Porque o objetivo principal que existia no início quando eu me meti nisto era fazer parceiras europeias, só que, entretanto, surgiu que também se podia fazer projetos cem por cento nacionais. Agora há outras vertentes que são [...], por exemplo [...], pode-se registar um projeto entre nós e Açores, é nacional. Até a presente data, quando se faz um projeto nacional, não se podia candidatá-lo a selo europeu, era só prémio nacional, selo nacional. A partir de agora, de uns meses prá cá, nós podemos iniciar com dois fundadores portugueses mas, desde o momento em que entre um parceiro de outro país que não seja português, o projeto já fica a ser europeu, o que antes não

acontecera, fica a ser europeu e então já se pode candidatar a selo nacional, a prémio nacional (do seu país), a selo europeu e a prémio europeu, e tudo isto tem prazos e tem candidaturas e têm que mostrar aqueles requisitos para poderem ser galardoados com aquele selo, que é (digamos) um certificado que é enviado e descarregamos na própria plataforma. Quando é a nível nacional e mesmo europeu também há um do aluno, que vem para nós colocarmos o nome, podendo ser a prémio. Agora em relação [...] a essa questão dos selos e das candidaturas [...] existe uma bolsa de avaliadores que avaliam esses projetos, os projetos candidatam-se por exemplo, nós aqui na escola somos mais colegas *etwinners*, eu até podia por exemplo, eu candidatei-me e candidatamos a educadora da pré, que até nem foi o projeto onde a pré está mais empenhada, mas como já trabalho com ela há mais tempo, porque quando nós candidatamos os projetos, eu tenho que fazer a minha candidatura e ela também tem que fazer a sua. As pessoas que veem o projeto são professores. Antes, eram só as embaixadoras *eTwinning* que avaliavam os projetos que eu achava que era de bom tom, porque são pessoas que estão implicadas no *eTwinning* desde o início, de 2005 que foi quando ele apareceu, mas são pessoas que já têm projetos feitos e sabem como é que aquilo funciona. Ultimamente, o que têm dado é a uma bolsa de avaliadores extra *eTwinning*, ou seja, são pessoas que se registam para poderem ser avaliadores, que não percebem nada da dinâmica do *eTwinning*. Então, obrigam-nos a fazer formação *online* através do *moodle* para aqueles professores que têm dúvidas.

Entrevistadora: E a escola começou o primeiro projeto [...], foi quando?

Entrevistada 12: O primeiro projeto *eTwinning* foi 2013-14, ganhamos logo o prémio nacional. Este que saiu no diário a nossa escola, também foi selecionado em 910 escolas com uma história, vai ser publicada para o ano no livro 2018. E neste ano, começou o projeto *Comenius*, foi neste ano letivo. Em 2013-15, tivemos o nosso primeiro projeto europeu com mobilidades e isto foi tudo graças ao *eTwinning* que eu descobri o projeto em 2011, eu estava a atualizar o meu perfil e recebi duas mensagens, uma colega de Canárias e um colega grego a convidar para um projeto e eu fiz o documento e enviei e no ano seguinte já sabia que tinha sido aprovada e depois larguei isto. Os colegas querem que agora em janeiro faça nova candidatura, mas eu estou cansada, só se alguém quiser pegar nisto como coordenador e levar para a frente, porque eu vou acabar estes agora e quero estudar e tratar da minha vida. A Comissão europeia dá preferência às oficinas de formação profissional internacionais nas zonas mais remotas e a Madeira é considerada uma zona remota, porque é fora do continente português. Querem que eu prepare uma oficina profissional em novembro para 120 participantes de 104 países diferentes aqui na região, três dias de formação em inglês. Agora, em final de outubro, vou a Varsóvia, a um seminário temático sobre a herança cultural e foi desafiada a fazer uma apresentação. Eu fui agora em abril a Lisboa e foram 80 participantes de 14 países diferentes e o tema era codificação em robótica e eles convidaram-me para fazer uma apresentação e tive logo dois certificados, um como participante e um como dinamizei e na língua inglesa, o que para mim a nível de currículo é excelente [...].

Entrevistadora: Pois, pois. Continuando, acha que este projeto então ajuda muito os educadores a valorizarem e a dinamizarem a interculturalidade?

Entrevistada 12: Sim, porque sejam eles a nível nacional, sejam a nível europeu, apesar dos temas que eles lançam todos os anos, é um projeto que dá facilidade às pessoas de fazerem trabalho colaborativo, por exemplo: o que está muito em voga agora: a flexibilização, para mim a flexibilização é a interdisciplinaridade, o que muda é o nome. Nós, a nível de 1º Ciclo, já fazemos isso há anos, e o projeto eTwinning vem ser veículo ao fim ao cabo para o trabalho de projeto e é isso que eu vou apregoando quando dou formação.

Entrevistadora: O projeto promove atitudes de aceitação do outro pelas crianças?

Entrevistada 12: Tem que ser, porque neste tipo de trabalho, eu costumo dizer que este tipo de projetos abre a escola ao mundo, é como aprender a ler um mapa sem ser um mapa físico. É óbvio que se o projeto for só em português, os alunos, principalmente os do 1º Ciclo, aquele que já sabem ler e escrever, para eles é muito mais fácil, porque já podem ler no computador e participar e saber e isso desenvolve também a nível do digital, porque eles têm que aprender a fazer o *upload*, a carregar um ficheiro ou pôr o documento *Word* em *PDF* e carrega-lo, a fazer uma apresentação *PowerPoint* ainda que seja simples e muito rudimentar e saber carrega-lo, saber carregar uma fotografia, ter que saber que a fotografia não pode ter mais do que não sei quantos megas, tem que aprender a redimensioná-la, depois tem também que ter em conta uma coisa agora cada vez mais importante, que agora desde 25 de maio que é a proteção de dados, ter o cuidado ao pixalizar a cara ou na foto incidir mais na atividade, nas mãos ou de costas e eles próprios pegarem na máquina e saberem tirar a fotografia e a passa-la para o computador. É claro que isto leva tempo, isto como pré-escolar é muito complicado fazer tem que ser mais trabalho do educador, de quem está a fazer [...] e os meus fazem mais a nível de trabalho, só que é assim [...], tudo tem que fazer sentido para eles, porque nós vamos trabalhar... no projeto que nós tivemos a fazer das lendas [...], foi trabalho que foi feito na sala, nós trabalhámos as lendas todas que havia na ilha da Madeira, eu trabalhei desde o pré-escolar até o 4º ano, as lendas todas, depois incidi [...], cada turma não fazia uma lenda estanque, por exemplo [...] eu [...] estou-me a lembrar de uma que é de São Vicente, que é do Corvo e isso. O pré-escolar fez uma parte de ilustração, foi trabalho que ficou ali, quando a outra turma entrou, é para [...] continuaram no próprio documento. O primeiro já punha umas palavras, o segundo, umas frases, o terceiro e quarto fazia o texto criativo. Portanto, uns ilustravam e depois a partir daí, fizemos a troca de postais no Natal com materiais reciclados e trabalhar a nível da arte, porque trabalhamos nesse ano Kandinsky, Mondrian, Picasso, trabalhamos o da Paz, que foi em janeiro com a pomba de Picasso, fizemos um trabalho relacionado com isso, tudo dentro das lendas e das rendas.

Entrevistadora: E vão fazer um livro?

Entrevistada 12: fizemos, temos um livro virtual online, porque é assim, às vezes o livro físico é impossível por causa das verbas.

Entrevistadora: A nível das TIC então, são imprescindíveis neste projeto, não é?

Entrevistada 12: A nível das TIC, é o trabalho quase que mais importante. É a par e passo com a criatividade, porque um dos pontos para avaliar um projeto é haver colaboração e existem muitas ferramentas *online* que podem ser incorporadas no *twinspace* do projeto, que não é preciso abrir uma página ao lado, trabalhasse tudo ali e nós podemos usar esse trabalho colaborativo para fazer a avaliação do projeto, para fazer, [euh...], por exemplo [...], existem ferramentas onde se fez o ano passado também ganhamos um sobre o *cleanup world recycling*, foi essencialmente a pré, associamos a escola, o projeto eco escola ao trabalho do eTwinning e fizemos [...] associamos o meu colega de expressão plástica que, por acaso não era *etwinner*, mas nesse ano fez muitas coisas com material reciclado, carrinhos e a educadora também, quando fazia os cestinhos da Páscoa, tudo com material reciclado, nos fizemos um livro colaborativo, em que cada país foi pondo as suas coisas lá no próprio livro [...], lá tudo online e no fim deu um arranjo, que era os brinquedos que se pode fazer o ano todo, abrangendo todas as temáticas, dia da mãe, Natal e tudo.

Entrevistadora: O último ponto que era a família, não sei até que ponto ela está envolvida ou não...

Entrevistada 12: A família está envolvida desde o primeiro momento, porque tem que dar autorização, porque tem que saber que esse trabalho é online, muito embora não seja possível ser encontrado online facilmente, porque essa plataforma é segura, a não ser que agente tenha essas páginas extra onde criamos uma revista, depois embebemos ao *link*. Os prémios dão-nos pontos extras para as candidaturas Erasmus por exemplo a escola fica durante dois anos galardoada com o selo como está lá fora, já 2018-19. A parte burocrática dá muito trabalho, eu [...] que faço tudo, eu é que marco hotéis, os percursos, itinerário, dinamizem os projetos. Eu tinha dez horas na escola e muitos criticam que não estou sempre, aqui, mas é a parte burocrática, é para eu fazer em casa e o tempo que perco com o meu carro a ir ao hotel e tentar regatear os preços para quando os colegas vêm. É tudo muito bom, mas dá trabalho e ninguém dá valor. Eu é que chamo a comunicação social e dou as entrevistas, tenho que preparar tudo para nada correr mal. Tinha 15 horas na DRE, ainda dava formação e tinha que preparar [...] dei a formação do eTwinning mais a formação dos ambientes inovadores na equipa do qual eu fazia parte. Nós, no eTwinning, temos que obrigatoriamente inovar. Nunca pensei em três anos de serviço aprender tanto de programação, tecnologia, eu sei até programar em HTML. Se me mandarem uma imagem, eu sou capaz de mudar aquela imagem completamente em linguagem HTML e descobri isso sozinha. Eu fui considerada o ano passado professora inovadora da Microsoft e tenho um certificado de *Microsoft Expert Teacher*. Eu faço formação *online* sempre.

Entrevistadora: Isso é bom. Agradeço a atenção e o tempo despendido.

ENTREVISTA 13

Dia 14-6-2018, 14h

(10:10 minutos)

EB1/PE Lombo do Guiné

Ed. "Rute"

41 anos

Licenciatura/Pós-graduação

18 anos de serviço

Não tem formação na área

Formadora/Responsável por Clubes

Entrevistadora: O que considera ser um grupo heterogéneo? E ao nível intercultural?

Entrevistada 13: Temos sempre grupos diversos em todos os aspetos. Cada criança é única, quer no seu modo de ser, na sua roupa, no que gosta, etc.

Entrevistadora: Tem mais vantagens ter um grupo homogéneo a nível intercultural?

Entrevistada 13: Não, é uma mais-valia ter diversidade. Diversidade não é só falar outra língua [...]. Tive, uma vez, uma escola na Fajã da Ovelha, que tinha o primeiro ciclo e pré de um lado e segundo e terceiro ciclo do outro e não havia muito respeito pelos mais pequenos. Então, implementei um clube «De mãos dadas» para que aprendessem a conviver, se conhecessem melhor e consequentemente se respeitassem.

Entrevistadora: Planifica mensalmente?

Entrevistada 13: Sim.

Entrevistadora: Como planifica?

Entrevistada 13: Com a minha colega e com algumas sugestões das crianças

Entrevistadora: Acha fundamental planificar tendo em conta o tipo de crianças que tem na sala?

Entrevistada 13: Não, não tenho nada específico, vou adaptando [...].

Entrevistadora: Costuma implementar atividades de caráter intercultural?

Entrevistada 13: Sim, por exemplo no dia da família, falamos das várias famílias e no dia-a-dia, vamos falando sempre.

Entrevistadora: Fomenta a interculturalidade? De que forma?

Entrevistada 13: No dia-a-dia, sempre.

Entrevistadora: Sente-se preparada para esta diversidade que aparece nas salas?

Entrevistada 13: Sim, sinto-me preparada, pois tenho formação e muita experiência.

Entrevistadora: Acha que as crianças aceitaram bem os colegas que chegaram de outro país?

Entrevistada 13: Sim, muito bem.

Entrevistadora: Quais as maiores dificuldades sentidas por essas crianças que chegam?

Entrevistada 13: Na língua e na alimentação no início, mas aos poucos essas dificuldades vão sendo colmatadas.

Entrevistadora: Acha que este tema é muito ou pouco trabalhado nas salas de pré-escolar?

Entrevistada 13: Não sei bem, mas acho que se não o é, deveria ser. Conhecer e compreender o Outro é fundamental, independentemente do que ele gosta ou faz, antes de julgar, é preciso conhecer.

Entrevistadora: Acha que a escola facilita a adaptação dessas crianças que chegam?

Entrevistada 13: Sim, a escola é muito receptiva e acolhe bem quem quer que chegue. Até Projeto Educativo faz referência a esta questão da interculturalidade. Temos docentes que colaboram, como o nosso professor de música que sabe bem o castelhano e ajuda quando vem à sala.

Entrevistadora: Quanto às TIC, recorre no dia-a-dia?

Entrevistada 13: Sim, tenho computador na sala e nas tabletes. Não temos TIC este ano por causa de indisponibilidade de horário, mas colmatamos na sala.

Entrevistadora: Recorre às TIC para promover comportamentos de aceitação e valorização da interculturalidade? De que forma o faz?

Entrevistada 13: Sim, através de pesquisas, *PowerPoint*, etc.

Entrevistadora: As TIC ajudam a promover a ligação da escola às famílias?

Entrevistada 13: Sim, temos um chat de sala e os pais podem intervir. Houve um desentendimento uma vez, mas foi ultrapassado. É muito bom, dão sugestões, sabem do que se fala na sala [...].

Entrevistadora: As famílias de crianças estrangeiras e/ou de diferentes culturas participam nas atividades da escola?

Entrevistada 13: Sim, costumam sim [...].

Entrevistadora: Acha que as famílias estrangeiras só falam a língua materna com o educando?

Entrevistada 13: Há mães que tentam, há outras que nem por isso.

Entrevistadora: Deveriam ter apoio ao nível da língua portuguesa?

Entrevistada 13: Deveriam ter apoio.

Entrevistadora: Há abertura dessas famílias com o pessoal da escola?

Entrevistada 13: Sim, os venezuelanos são mais abertos. Tenho dois, tenho um que veio da Inglaterra e tive um de Angola que eram mais fechados e podem interpretar mal o que lhe dizia ou fazia. Era preciso muito cuidado. Por exemplo, o menino venezuelano comia com as mãos e um garfo só, mas eu que conheço essa realidade, posso dizer que só usei garfo e faca aos dezassete anos quando vim para aqui. Lá, não se tem esse hábito. Por exemplo, lá quando se cruzam talheres é que acabamos, aqui, temos que colocá-los um ao lado do outro, é difícil. Um que não sabe essa realidade pode julgar, mas temos que saber ouvir, pesquisar sobre o outro e conhecê-lo, então para julgá-lo [...].

Entrevistadora: É tudo. Agradeço a atenção.

ENTREVISTA 14 (encontra-se no ANEXO VIII - entrevista pós observação realizada ao professor de música)

ENTREVISTA 15

Dia 20-6-2018, 17h

(7:30 minutos)

EB1/PE Lombo do Guiné

Encarregada de educação, mãe do “Miguel”

28 anos

Venezuela (fala bem o português)

Entrevistadora: Acha que nesta sala em que o seu filho está tem diversidade cultural? As crianças são todas iguais?

Entrevistada 15: Não são todas iguais. Tem o meu e mais um que vieram da Venezuela, o resto é daqui.

Entrevistadora: Ele relaciona-se bem com os colegas? Adaptou-se bem à escola?

Entrevistada 15: Sim, bem. E os colegas também fizeram por isso. Quando ele chega, às vezes vêm correndo até ele, abraçam-no e isso [...].

Entrevistadora: Ele já tem amigos, então?

Entrevistada 15: Sim, mais precisamente o outro menino que fala igual a ele.

Entrevistadora: Acha que esta escola ajuda a incluir essas crianças que vêm de fora?

Entrevistada 15: Sim, sim e por acaso comentei estes dias que foram muito amáveis comigo e com ele. Tanto as educadoras, os professores, o pessoal auxiliar, o diretor foram todos muito simpáticos nisso e acolheram-nos bem [...].

Entrevistadora: Na sala, as educadoras, acha que fomentam esta inserção e esta interculturalidade que chega à escola?

Entrevistada 15: Sim, a educadora “Rute” fala em espanhol com ele e depois fala o português e vai traduzindo [...].

Entrevistadora: Relacionam-se bem?

Entrevistada 15: Sim, sim [...].

Entrevistadora: Qual a dificuldade que ele mais sentiu?

Entrevistada 15: A nível da alimentação, ele estranhou um pouco. Há coisas diferentes que ele não gosta. A alimentação é muito diferente de lá, mas ele até está a aceitar e adaptar-se bem, vai aos poucos [...].

Entrevistadora: Na sala, acha que houve algum conflito?

Entrevistada 15: Não, todos os dias pergunto e não [...], tem corrido tudo bem. Normal [...], crianças [...].

Entrevistadora: As TIC, costuma utilizá-las?

Entrevistada 15: Ele usa iPad, eu também uso telemóvel.

Entrevistadora: Acha que para comunicar na sala, usam as TIC? Sei que têm um grupo, não é?

Entrevistada 15: Sim, mas eu ainda não estou, mas tenho intensão de entrar, é muito bom...

Entrevistadora: **Essas novas tecnologias também podem ajudar na interculturalidade?**

Entrevistada 15: Sim, para conhecer outras realidades.

Entrevistadora: **Costuma falar com o seu filho em português ou em espanhol?**

Entrevistada 15: Em casa, falo tudo em espanhol. Falo algumas palavras em português, para ele ir percebendo, porque falo bem o português, porque já estive cá. Mas vou falando, porque não quero que ele esqueça o espanhol.

Entrevistadora: **E ele já vai falando bem o português?**

Entrevistada 15: Não, percebe tudo, mas falar não. A não ser [...], mas por acaso ontem reparei que ele estava a brincar com uma criança e ela disse sai daqui, sai daqui e ele foi atrás e repetiu. Ele vai falando.

Entrevistadora: **Acha que deveria ter apoio a nível do português para si talvez não, mas para a criança ou para o seu marido, não sei se precisa...**

Entrevistada 15: Não, ele não tá cá, ficou lá [...].

Entrevistadora: **Mas, a nível dos pais que têm dificuldade ao nível do português? Acha importante terem esse tipo de apoio?**

Entrevistada 15: O meu marido não fala o português. Ele tenta, mas não consegue. Ele deveria ter aulas, mas a criança não, porque ela aprende rápido. Além disso, está numa boa idade de aprender, ele tem mais dois anos de pré [...].

Entrevistadora: **Quando tem algum problema ou dificuldade, sente-se reservada ou pede ajuda à escola?**

Entrevistada 15: Não, eles são acessíveis. Não tenho problemas. As educadoras ou o diretor são muito bons, cinco estrelas [...]. O meu marido podia vir, mas tem tudo lá. Não é fácil viver assim, longe, mas é assim...

Entrevistadora: **É verdade, é complicado [...]. Olhe muito obrigada pela atenção e pelo tempo dispensado.**

ENTREVISTA 16

Dia 14-6-2018, 18h

(4:55 minutos)

EB1/PE Lombo dos Canhas

Encarregado de educação Pai do “Matias”

35 anos

Venezuela

Entrevistadora: Acha que a sala do seu filho tem diversidade cultural?

Entrevistado 16: Sim, as crianças são diferentes e têm vindo muitas crianças de fora.

Entrevistadora: E ele relaciona-se bem com as crianças da sala?

Entrevistado 16: Sim, no início podia ter um pouco de vergonha, mas agora já vai tendo amigos.

Entrevistadora: Vieram da Venezuela há pouco tempo?

Entrevistado 16: Sim, tem um mês mais ou menos. As coisas lá não estão bem e tivemos que vir embora.

Entrevistadora: O seu filho já tem algum amigo então?

Entrevistado 16: Sim, ele dá-se bem com o “João” que também fala espanhol, mas já vai brincando com os outros.

Entrevistadora: A escola ajudou a sua adaptação e a do seu educando?

Entrevistado 16: Sim, foram todos muito simpáticos, não tenho razão de queixas.

Entrevistadora: O seu filho gosta das educadoras? Como se relacionam?

Entrevistado 16: Ele gosta das duas educadoras.

Entrevistadora: Sentiu alguma dificuldade de integração à escola ou à sala?

Entrevistado 16: Não, tanto este como a mais pequenina, que está na creche, até se têm adaptado bem.

Entrevistadora: As educadoras comunicam com os encarregados de educação através das tecnologias de informação?

Entrevistado 16: Tem um blogue e tem um *site* da escola, mas não ligo muito a isso, mas a minha mulher vê.

Entrevistadora: Acha as TIC importantes para a relação família-escola?

Entrevistado 16: Claro que facilita e hoje em dia as TIC estão em todo o lado.

Entrevistadora: Só fala espanhol com o seu filho ou esforça-se por falar as duas línguas?

Entrevistado 16: Eu falo mais o português, porque fui daqui há muitos anos, mas a mãe fala só o espanhol e o meu filho já vai aprendendo o português aqui na escola e comigo.

Entrevistadora: Acha importante haver apoio a nível da língua portuguesa, por exemplo para a sua mulher?

Entrevistado 16: Sim, penso que seria importante, era uma ajuda.

Entrevistadora: Procuram a escola quando têm algum problema?

Entrevistado 16: Sim, penso que se for preciso, sim.

Entrevistadora: O pessoal da escola comunica bem consigo e com os seus filhos?

Entrevistado 16: Sim, todos são muito acessíveis aqui, são simpáticos.

Entrevistadora: Mais alguma coisa que queira falar?

Entrevistado 16: Não, muito obrigado.

Entrevistadora: Eu é que agradeço o tempo dispensado. Obrigada.